

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Arqueologia
Bacharelado em Antropologia



Trabalho de Conclusão de Curso

ORIXÁ OSSAIM: DA INVISIBILIDADE AO HABITUAL EM PELOTAS/RS

Angélica da Rosa Silva Mortagua

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de
Bibliotecas Catalogação na Publicação

M887o Mortagua, Angélica da Rosa Silva

Orixá Ossaim : da invisibilidade ao habitual em
Pelotas/RS / Angélica da Rosa Silva Mortagua ; Rogério
Reus Gonçalves da Rosa, orientador. — Pelotas, 2023.

96 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Antropologia) — Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Antropologia. 2. Mitologia. 3. Ossanhe. 4. Religião
afro-gaúcha. I. Rosa, Rogério Reus Gonçalves da, orient. II.
Título.

CDD : 306

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB:
10/2064

Angélica da Rosa Silva Mortagua

ORIXÁ OSSAIM: DA INVISIBILIDADE AO HABITUAL EM PELOTAS/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa

Pelotas, 2023

Angélica da Rosa Silva Mortagua

ORIXÁ OSSAIM: DA INVISIBILIDADE AO HABITUAL EM PELOTAS/RS

Data da Defesa: 26 de Setembro de 2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa (Presidente)

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Rosane Aparecida Rubert

Doutora em desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle

Doutor em História Internacional em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a meus pais Leonardo e Cleonice que nunca mediram esforços por mim, sempre me apoiaram mesmo sem entender o verdadeiro fazer antropológico

Ao meu companheiro e amor Lucas que me levou e buscou de lugares por anos pra onde eu precisei, que muitas vezes no auge do cansaço me consolou, que ouvia com atenção cada palavra e cada nova descoberta, um dos meus maiores apoiadores.

À minha amiga Karina que mesmo longe, me deu ombro pra chorar, me levantou quando eu achei que ia cair, e riu com meu riso.

Ao meu grande amigo e colega Airton que fez parte desse trabalho, de toda minha vida acadêmica e se tornou parte de mim e da minha família.

À minha tia Loiva com quem morei nos primeiros anos de Graduação.

Agradeço a turma de 2017 que simplesmente foi a melhor turma que esse bacharelado já viu.

Aos meus colegas de trabalho do Ambulatório do Hospital Universitário São Francisco de Paula do Campus da Saúde UCPel, pela paciência, por dias em que precisei parar de trabalhar no meio de um expediente de oito horas para poder escrever algumas linhas deste texto.

Aos meus professores pelos ensinamentos principalmente ao meu orientador Prof. Rogério que sempre desempenhou essa função com maestria e por entender minhas limitações e alegrias durante esse processo.

Ao Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro, e todo complexo partidário do PCB, vocês são parte dessa luta.

Amo cada um de vocês, essa vitória é de vocês também.

Resumo

Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Antropologia na subárea de Mitologia. Este trabalho reúne algumas narrativas mitológicas acerca do Orixá Ossaim com base em literaturas e etnografias, realizando uma breve contextualização das religiões afro-gaúchas e apresentando suas características e especificidades. Pelas regras da mitologia trago comparações de Ossaim com outros personagens como Saci-Pererê, Exus e Preto Velhos, trazendo assim novas possibilidades de manifestação deste Orixá no meio religioso afro-gaúcho.

Palavras-chave: Antropologia, Mitologia, Ossanhe, Religião Afro-Gaúcha.

Abstract

Final examination on Bachelor's degree in Anthropology in the Mythology subarea. This work reunites the mythological narratives concerning Orixá Ossaim based on literature and ethnographies, performing a brief contextualization on the "afro-gaúchas" religions, introducing its characteristics and specificities. By the mythology's rules, I bring comparisons of Ossaim with other characters such as Saci-Pererê, Exus and Preto Velhos, thus, bringing new possibilities on this Orixá manifestation amidst the afro-gaúcho religious environment.

Keywords: Anthropology, Mythology, Ossanhe, "Afro-gaúchas" religions.

Lista de Imagens

Imagem 1- Tapera Naevia.....	32
Imagem 2- Ossaim.....	33
Imagem 3- Exu Saci.....	38
Imagem 4- Baba Kejaye.....	69
Imagem 5- Congá.....	72
Imagem 6- Oferenda.....	73
Imagem 7- Pai Bira do Maioral.....	74
Imagem 8- Ossaim.....	87
Imagem 9- Ossaim.....	87
Imagem 10- Pai Joaquim de Aruanda.....	90
Imagem 11: Ossaim.....	93

Lista de Tabelas

Tabela 1- Categorias da intriga.....	18
Tabela 2- Gemelaridades.....	39

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. Mitologia.....	14
2. A MITOLOGIA DE OSSAIM.....	22
• M1: Ossaim recusa-se a cortar as ervas miraculosas.....	24
• M2: No começo de tudo.....	26
• M3: Ossaim dá uma folha para cada Orixá.....	27
• M4: Òssànìyn.....	30
• M5: Ossaim imita um pássaro.....	30
• M6: Mães pássaro.....	31
• M7: Ossanha ficou sem uma perna.....	33
• M8: Ossanha Carpinteiro.....	34
• M9: Ossaim cobra por todas as curas.....	34
• M10: Ossaim é mutilado por Orunmilá.....	35
• M11: Ossaim é atacado.....	36
2.1. Exu Saci.....	37
3. AS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS, O SINCRETISMO E UM ENCONTRO.....	42
3.1. Batuque de Nação.....	43
3.2. Linha Cruzada.....	70
3.3. Um encontro: 01/02/2023 Festa de Iemanjá, dança dos Orixás.....	85
4. CONCLUSÃO E AFETO.....	88
4.1. Pai Joaquim de Aruanda.....	88
Referências Bibliográficas.....	94

“Elésè kan ti ó lé elésè méji sare”

“O homem de uma perna que incita os de duas pernas para correr”

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: “Orixá Ossaim: da invisibilidade ao habitual em Pelotas/ RS”, tem por objetivo trazer à luz do leitor e da leitora o conhecimento das narrativas mitológicas acerca do Orixá¹ Ossaim, considerando para isso o recorte temático de análise das religiões afro-gaúchas, além disso tendo como base relatos de meus interlocutores e experiências de vivência em casas de religião, assim como aporte teórico para embasamento científico. Utilizando de métodos da antropologia e da mitologia, tais como etnografia para elucidar as narrativas apresentadas e fazer o cruzamento deste Orixá com outros personagens, como o Saci-pererê e, até mesmo, o Orixá Exu.

Para muitos, apenas mais um TCC, para mim, uma parte da minha jornada, quando adentrei na Universidade Federal de Pelotas, no ano de 2013, no curso de Licenciatura em Física, no Campus Capão do Leão. Depois de dois anos, dei-me conta que o meu lugar não era junto às ciências exatas, e logo parti em busca de novas possibilidades, permiti-me autorizando-me a experimentar o fazer da Antropologia enquanto um caminho possível.

Logo nos primeiros contatos com essa área que, de certa forma, traduz vários mundos e possibilidades de relações entres os seres, sejam eles humanos ou não humanos, compreendi onde era o meu lugar, entendi que para mim as pessoas, as lutas sociais, as oralidades são mais importantes que um mundo inteiro matemático. Como diria Claude Lévi-Strauss: “o modo peculiar como cada investigador e escritor pensa e escreve abre uma nova perspectiva acerca da Humanidade” (1978 p 10).

Dentro dessa jornada antropológica e com o coração pulsante a cada nova disciplina e descoberta, passei a me aproximar cada dia mais da subárea da mitologia. Compreendi ao longo passar de anos que pensar a

¹ Orixá In: dicio.com.br

Nome comum e genérico atribuído às divindades africanas que, trazidas ao Brasil pelos negros escravizados, foram incorporadas por várias denominações religiosas; trata-se de ancestrais divinos que se materializam em forças da natureza, mediando as relações entre o homem e os seres sobrenaturais. Porém para Yalorixá Eliane de Oxalá, Orixá é caminho, é verdade, o chão, o teto, a luz, vai além da compreensão humana, é o supremo da espiritualidade.

mitologia é pensar no mundo em suas diferentes formas de linguagem, portanto neste trabalho, trago a teoria, o método, mas também a poesia, a imagem para que se compreenda a partir da lógica do sensível a importância dos mitos em um processo de identificação étnica-cultural e também se compreenda como um processo histórico, de raízes afro-ameríndias no sul do Rio Grande do Sul.

Foi então que a busca por um tema de pesquisa começou, mas sempre com a certeza de que a mitologia seria o referencial para tal.

Através, principalmente, de relatos orais de interlocutores aos quais tive acesso, seja para esse trabalho ou conversas informais, obtive a informação que o culto de Ossaim estaria desaparecendo, sendo que nas minhas investigações sempre se relatava a importância desse Orixá, mas que hoje em dia não haviam muitos filhos dele no Batuque do Rio Grande do Sul.

A partir desse ponto irei alternar relatos etnográficos e bibliográficos, sendo que os interlocutores que serão identificados pelos seus nomes pessoais ou nomes religiosos irei apresentá-los no Capítulo 3, onde irei tratar sobre as religiões afro-gaúchas.

Um destes interlocutores, o Airton de Oxalá, diz que esse culto, a ocupação e o desenvolvimento não estão mais tão presentes no Rio Grande do Sul devido à dificuldade que ser filho desse Orixá apresenta, segundo ele:

“Qual a pessoa que está disposta a ficar uma gira inteira em um perna só?”

Por sua vez, o Professor Norton Corrêa (UFMA), um dos mais conhecidos pesquisadores sobre o Batuque no Rio Grande do Sul, em uma palestra ministrada na Universidade Federal de Pelotas, promovida pelo Grupo (GEEUR “Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos”), em 2018, também relatou que principalmente aqui no Rio Grande do Sul, o culto a Ossaim estaria desaparecendo. Segundo o mesmo *“não vamos falar*

muito de Ossanha porque o culto dele está em extinção no Batuque do Rio Grande do Sul”.

Outro interlocutor, o Seu Zé, que reside na cidade de Pedro Osório, batuqueiro há mais de 50 anos, relatou o seguinte: *“...antigamente se via mais filho de Ossanha por aí... agora se vê muito pouco, minha filha...”*.

Esses relatos sobre o “desaparecimento” de Ossaim me intrigaram e instigaram a refletir antropologicamente a respeito. Nesse sentido, esta investigação buscou compreender como se deu tal invisibilidade e as razões que levaram esse evento acontecer ao longo do tempo, haja visto que tal Orixá é o responsável pelas ervas litúrgicas e medicinais (VERGER, 1981 p. 53).

Mas, para a realização disso, precisaremos de sensíveis ferramentas teóricas e metodológicas da Antropologia, a Mitologia é uma delas.

1.1 A Mitologia

A Mitologia é a área da antropologia que busca entender e traduzir os infinitos mitos espalhados por diversas sociedades e etnias na Terra. Dessa forma, ela tem uma série de regras quase que praticamente matemáticas e permeia todos os aspectos da vida social dos indivíduos e coletivos.

Podemos compreender cada mito em sua determinada cosmologia e também transferir para diversas outras; isso se dá através de regras que explicarei daqui em diante. De início, devemos situar os mitos como sendo intemporais, que não obedecem limites geográficos e permeiam as relações entre humanos e não-humanos, humanos e humanos e não-humanos e não-humanos (WATTS-POWLESS, 2017).

Para falar de mitologia Afro-Ameríndia, precisamos entender que a origem da América não se deu a partir do processo de colonização, mas principalmente com os povos ameríndios que chegaram aqui muito antes de Colombo e Cabral e, mais tarde, com os povos africanos que aportaram escravizados, vindo a formar o Brasil que temos hoje (GONZALEZ, 1988).

Uma categoria que Lélia Gonzalez nos apresenta é o conceito de Amefricanidade (GONZALEZ, 1988), que é o processo tanto de pessoas negras quanto indígenas na resistência contra a dominação colonial, para essa autora:

“Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma *unidade específica*, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. (...) é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos.” (GONZALES, 1988 pg 77)

Dito isso, é possível pensar o cruzamento das mitologias africanas e mitologias indígenas, dando origem às mitologias Afro-ameríndias, que resistem, como veremos ao longo do trabalho, a esse processo doloroso e cruel que foi a colonização e a escravização.

Portanto podemos adentrar no que é mitologia. Mito para Claude Lévi-Strauss é uma forma de linguagem que possui seu significado em si. Por volta dos séculos XVII e XVIII, com o advento da matemática, avanço científico dessa época propiciado por Francis Bacon, René Descartes e Isaac Newton, houve uma separação da ciência e do pensamento mítico. Enquanto o primeiro pensamento seria o real, o segundo estaria relacionado ao mundo dos sentidos e da ilusão (STRAUSS, 1978, p. 12).

Inicialmente, as histórias de cunho mitológico pareciam para Claude Lévi- Strauss uma completa desordem e ausentes de significado, porém esse antropólogo francês notou que haviam narrativas que se repetiam em diferentes temporalidades e povos.

Quando cursei por alguns semestres licenciatura em Física na Universidade Federal de Pelotas, enquanto ainda não me descobria como antropóloga, lembro que existia uma expressão de álgebra linear que sempre reverberou no meu pensamento, quando precisamos provar algo

matematicamente, assumimos o contrário do que seria óbvio, se chama prova por absurdo (*reductio ad absurdum*)² e no final se chega a uma contradição, mas que é um resultado matemático incontestável. Um exemplo simplificado dessa ferramenta matemática seria a prova que matematicamente $2+2=5$ seria impossível, mas usando essa regra tal resultado se torna um fato. Gosto de fazer alusão aos mitos, por mais estranhos que eles possam parecer no final, é a resposta por si só, o mito do saci indígena com duas pernas e bonzinho generoso ser comparado com o mito do saci negro travesso (ROSA, 2013, 2022A, 2022B) é contestável, aparentemente impossível, mas podemos provar, assim como $2+2$ pode ser 5.

Para analisar os mitos precisamos, portanto, analisar a estrutura de um mito e como ele se configura no texto. Devemos pensar ainda em Lévi-Strauss e seu primeiro livro da série Mitológicas, O Cru e o Cozido (1991), onde o autor mostra com maestria as descontinuidades ou a “lógica do discreto”, reunindo inúmeros mitos, tomando um por mito de referência e comparando os demais com este, configurando a seguinte estrutura:

$$M^1 + M^2 + M^3 \dots$$

Ou seja M^1 mito de origem e $M(1,2,3...\infty)$ os demais mitos que estarão em comparação. Outro aspecto que devemos saber reparar é sobre a presença de outras categorias, ainda o autor citado anteriormente traz no livro Antropologia Estrutural 2, publicado originalmente em 1973, outros conceitos importantes como reversão, inversão e repetição, sendo os mesmos essenciais para o entendimento das estruturas das narrativas mitológicas, tendo em vista que o autor busca compreender os mitos pelos mitos (LÉVI-STRAUSS, 1993).

Cruzando de um oceano mitológico para outro, a mitologia africana é uma das bases para o indivíduo na sociedade, diferentemente do que aconteceu na separação natureza e cultura preconizada pelo ocidente, onde existiu uma separação abrupta entre essas categorias. Atualmente a antropologia passa a reintegrar essas duas categorias, sendo as análises dos

² Fonte: <https://www.lowcarb-paleo.com.br/2017/04/reductio-ad-absurdum.html>

mitos, por exemplo, uma ferramenta fundamental para isso, pois elas reúnem em seus contextos uma cosmovisão muito rica e detalhada das relações com o mundo humano, não-humano, biológico, geográfico, dentre os demais aspectos.³

Muitos mitos africanos destacam a profunda conexão e interdependência entre os seres humanos e os seres que habitam na floresta, por exemplo. A natureza é sagrada, e os mitos frequentemente enfatizam a necessidade de viver em contato e manutenção com a mesma.

Essa separação do pensamento mítico ao pensamento prático tanto nos povos ameríndios como nas sociedades africanas não ocorreu, de forma que não se precisou retomar essa ligação, fato esse que está em reelaboração no ocidente.

Essa ligação entre os aspectos mitológicos e a vida prática é extremamente próxima e seguem unidas e partes das suas histórias. Vejamos que, em sociedades indígenas a maneira que a história é contada desde sua criação, é traduzida através dos mitos, visto que as histórias euro-ocidentais foram contadas e alteradas para justificar o processo de colonização e justificar violências (WATTS-POWLESS, 2017).

As relações entre humanos, não humanos, antepassados, natureza, deuses e demais seres que abarcam o estudo da mitologia, estão diretamente ligadas à cosmovisão dos pertencentes a essas etnias, onde os conhecimentos e as práticas são passadas de geração em geração principalmente através da oralidade (GOISBEALT, 1997).

Outra ferramenta teórica importante para compreensão de narrativas mitológicas são as categorias as quais Lévi-Strauss trabalhou em *A Gesta de Asdiwal*, um texto clássico da década de 1950. De início, o autor identifica uma série de variantes que colocam mitos que a primeiro momento parecem distintos em comparação, ele define que mitologicamente uma narrativa possui características. Lévi-Strauss fala sobre as categorias da intriga.

Vamos nos ater ao eixo vertical citado alguns parágrafos acima, que é onde a narrativa sofre uma mudança, que gera uma comutação, no segundo capítulo essa categoria ficará mais clara, importante também falarmos sobre

³ Fonte: <https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/monografia/13.pdf>

as categorias da intriga, elas estarão presentes para que o eixo vertical e a comutação aconteça, abaixo segue uma tabela com as intrigas mais conhecidas, mas da mesma forma ficará mais claro no capítulo seguinte. Essas intrigas estão relacionadas com excesso ou falta de comunicação, quer seja consigo ou com outrem, portanto segue:

	Indiscrição	Mal-entendido	Esquecimento o	Nostalgia
Excesso/Carência	+	–	–	+
Outrem/Si mesmo	+	+	–	–

Tabela 1

Mais à frente nesse trabalho será abordado como isso reverbera na ordem da religiosidade afro-gaúcha, sendo importante observar que o termo "Afro-Gaúcho" pode não ter uma definição única e universal, e diferentes autores e pesquisadores podem abordar esse conceito de maneira variada, dependendo de seus enfoques e perspectivas individuais. Em suma, é compreender a importância da colaboração dos que aqui foram trazidos escravos para a formação da cultura do povo do Rio Grande do Sul, produzindo a categoria afro-gaúcho.

Antes de adentrarmos no universo mitológico de Ossaim, quero deixar algumas considerações sobre outro personagem que cruza e passeia entre o universo mitológico Ameríndio e Africano: o Saci-Pererê.

O Saci-Pererê como é mais popularmente conhecido foi introduzido no folclore brasileiro através do escritor Monteiro Lobato; é um ser mitológico que habita as matas e foi apresentado pelo autor na sua grande obra: O sítio do Picapau Amarelo, escrito entre 1920 e 1947. Devido a sua popularidade, o “diabinho” ganhou uma publicação própria, em 1921, em O Saci, que conta com diversas narrativas sobre o personagem. Nesse livro, Tio Barnabé, um negro que foi escravizado, conta a Pedrinho sobre suas experiências com o saci:

“— Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que exéste. Gente da cidade não acredita — mas exéste (...) é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de

toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pito aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sanção estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.” (LOBATO, 1921 pg 18-21)

Não poderia falar de Monteiro Lobato sem trazer uma breve crítica que há na obra do mesmo, sua obra do Sítio do Picapau Amarelo perpetua ideias escravizadoras como por exemplo o papel de Tia Nastácia que trazia na educação das crianças, as vivências e os afazeres do dia-a-dia, era ela quem fazia comida e cuidava da casa assim como tio Barnabé que quando criança era escravo e na própria narrativa que lemos retirada do livro “O Saci”. Tio Barnabé traz o relato que o dono da Fazenda falecido era compadre de Dona Benta a proprietária do Sítio do Picapau Amarelo, uma passagem do livro: Caçadas de Pedrinho, traz uma citação detida de muito racismo por parte do autor que segue: *“Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão”*. Mesmo o autor hoje sendo rodeado de críticas e críticas que de fato devemos fazer, é nítido que o autor foi quem disseminou a popularidade do Saci no imaginário do folclore brasileiro.

O mesmo autor, em 1917, lançou em um jornal uma pesquisa sobre a abrangência do saci em território nacional, que logo depois se tornaria o livro: O Saci-pererê: Resultado de um inquérito, obra que reúne narrativas do povo brasileiro sobre este ser.

Lobato, optou por não corrigir gramaticalmente, para o português escrito da época, as narrativas recebidas o que dá um ar de legitimidade às mesmas:

“Tô sabido das suas agonia pro mor do causo do Saci-perereca. É um causo que não tava precisando de arrebanhá piniões. Ossuncê vai se afundá de tá manera que adepos não sabe iscoiê o mió dos retrato. Quarqué caboclo césio sabe dizê cumo é o Saci que só anda pererecando pra mor de tê só uma perna. Tô eu aqui na fé do santíssimo que lhe posso aprová cumo é. Quar! Se bem que lêa e relêa o seu reclame do jornal, pelo que tô veno ninguem foi capaiz de resorvê a quistan. Sacy seu redatô, é um caboquinho mandinguero, fazedô de cabriolêra, pretinho como elle só, que inté reluiz de noite no clarão da lua. (...) De resto, seu redatô, não vale a pena simbruiá co’os parecê que tão fazeno pr’os cidadão vê, o Sacy não pode sê de barro e muito menos de pincê o Sacy sempre ha de sê aquilo que deus quizé.” (LOBATO, 2008 pg 145)

Neste mesmo livro temos uma narrativa de André Capeta, que relata que a marca do Saci-Pererê é a gargalhada, o assobio estridente e o inseparável cachimbinho de barro.

Rogério Rosa transcreve uma entrevista com um de seus interlocutores, o qual se define como “tupiniquim”, o qual teve uma experiência com o Saci, este travesso, aos seus nove anos de idade.

Enquanto orientada desse professor tive a oportunidade de ouvir o áudio transcrito no artigo do autor, e sem dúvidas é uma das gravações mais lindas que já ouvi, enquanto Rui narra como teria sido seu encontro, ele assovia imitando o assovio do saci e no fundo podemos ouvir pássaros respondendo esse assovio (ROSA, 2022A). Rogério Rosa também traz em seu texto, baseado em Egon Schaden, um dado muito importante: a palavra saci pode ser entendida como “vista doente” em tupi-guarani, ou seja, o saci tem dificuldade de enxergar, essa informação será muito importante mais à frente quando trataremos de Ossaim.

“Entre os Kayová (...) trata-se também de um meninote, aparentando cinco anos, bípede, de cor preta ou branca. Ele gosta muito de tabaco e aguardente. A sua força mágica reside em um pequeno bastão que carrega consigo. Para os Kayová, o xaxim-taterê se manifesta nas picadas do mato através de um assobio penetrante, que causa arrepios, fazendo estremecer quem o escuta. Tais pessoas afirmam que ele é uma espécie de “guarda da noite” e que, quando o arremedam ou duvidam de sua vivência, ele aparece com seu bastão a fim de castigar os incrédulos” (SCHADEN & ROSA, 2022 p. 10)

Em outras versões temos um saci bondoso que é o caso do Saci Verdadeiro, de Olívio Jekupé (2002), que segue no seu livro O Saci verdadeiro. Nele, o autor conta a história do saci indígena, o qual é um jovem indiozinho, com as duas pernas, que em um ato de bondade dá um braço invisível para um jovem indígena que nasceu sem um dos membros. Segundo Rogério Rosa, o saci trata-se de um ser transcendente as fronteiras e suas aparições em diversas localidades é deveras encantador. Temos, portanto, várias faces deste personagem, assim como já havia mostrado Rogério Rosa:

“Em linhas gerais, o Saci-Pererê tem uma surpreendente e variada genealogia, característica essa que só pode ser compreendida na ordem do pensamento mitológico.” (ROSA, 2013 p. 196)

Mas o que toda essa discussão tem a ver com Ossaim e sua invisibilidade? Qual a relação entre Ossaim e o Saci-Pererê? É o que trago no capítulo a seguir.

2. A MITOLOGIA DE OSSAIM

Este capítulo se propõe a discutir sobre o Orixá Ossaim, e fazer uma análise de suas narrativas mitológicas, tanto as bibliográficas quanto as passadas a mim oralmente por meus interlocutores.

Primeiramente precisamos compreender quem é Ossaim e seus domínios dentro da religião.

Muitos autores documentaram mitos sobre esse Orixá, os dois principais que deram aporte teórico para este trabalho foram Pierre Verger, antropólogo, dentre outras profissões, o qual teve muito interesse na cultura do Candomblé no Brasil, a sua principal obra “Orixás” de 1951, reverbera até os dias atuais.

Outro importante autor que reúne narrativas mitológicas dos Orixás, é Reginaldo Prandi, em seu livro “Mitologia dos Orixás”, de 2001, trata-se de sociólogo cujo principal interesse é pela religião afro-brasileira.

Ossaim, Ossanha, Ossaniyn, Catendê, dentre outros nomes que pode ser identificado, segundo Pierre Verger (1981), é o Orixá das plantas medicinais e litúrgicas, sua importância, é imprescindível, e essa informação se confirma nas falas dos fiéis e de meus interlocutores. Durante este trabalho ele assumirá esses diferentes nomes, dependendo de como ele será apresentado.

No sincretismo⁴, Ossaim se apresenta mais popularmente como São Benedito, santo negro e padroeiro dos cozinheiros. Tal divindade também pode ser comparada com Aroni, seu amigo da floresta que possui apenas uma perna e ensinou tudo sobre as ervas a Ossaim. (VERGER, 1981, p. 54)

Ele anda dentro de um redemoinho, fumando cachimbo feito de casca de caracol, enfiado em uma varinha de bambu com suas ervas favoritas.⁵

Para que compreendamos algumas relações que se darão nas narrativas e nas religiosidades no próximo capítulo, é necessário realizar uma breve introdução à categoria de ritual.

⁴ O sincretismo é a união de diferentes elementos religiosos, existe a fusão de duas ou mais culturas para a formação de uma nova, precisamos deixar claro que esse sincretismo teve uma influência colonizadora que serviu para sobrepujar as culturas colonizadas e colocar a fé cristã em superioridade. Porém hoje segundo meus interlocutores e discutido ao longo do trabalho, essa fusão se tornou uma tradição em casas de religião e hoje vista como uma forma de aproximação.

⁵ Fonte: <https://ocandomble.com/os-orixas/ossaim/>

O ritual é uma ação ou uma série de ações realizadas de acordo com um conjunto de regras e procedimentos formais estabelecidos, muitas vezes com um significado simbólico ou religioso.

Os rituais têm sido uma parte fundamental da cultura humana em todo o mundo e ao longo da história. Existem diversos tipos de rituais, como ritos de passagem (que marcam transições importantes na vida de uma pessoa, como nascimento, casamento e morte), rituais religiosos (práticas específicas dentro de uma fé), rituais culturais (que refletem valores e tradições de uma sociedade), entre outros.

Os rituais têm várias funções em diferentes sociedades, incluindo a expressão de crenças e valores, a criação de identidade e coesão social, a busca por significado e propósito, a purificação e a resolução de conflitos.

Victor Turner (2005) desenvolveu sua teoria sobre o papel e o significado dos rituais, especialmente em relação ao conceito de "liminaridade". Ele argumentou que os rituais muitas vezes envolvem uma fase de transição em que os participantes estão em um estado "liminar" ou de limbo, separados das estruturas sociais normais.

Nesse estado de liminaridade, eles podem experimentar uma sensação de comunhão mais profunda e de transformação pessoal. Em seguida, os rituais geralmente conduzem os participantes de volta à sociedade, mas agora em um novo status ou papel social.

Sabido sobre ritual, passamos para Ossaim novamente.

Um dos aspectos mais intrigantes que podemos pensar é no papel de comunicação que Ossaim tem, apesar de sabermos que Exu é quem tem esse papel de comunicar o mundo terreno com o espiritual (VERGER, 1981. SPERONI, 2018), Babá Kejaye mostra que:

*"Onde houver Exu haverá Osanyin, quando se
faz o ritual de Sasányìn, que é o maceramento
das folhas se acende uma brasa de carvão e se*

*larga aquela brasa dentro da água, aquela
brasa vai apagar, e ali está o entrelaçamento
entre Exu, que é a brasa, o fogo com
Osanyin."*

Apesar de Ossaim não falar, segundo alguns mitos, ele se comunica através das ervas e seu assentamento⁶ na casa de religião, posicionado ao lado de Exu. Isso demonstra uma proximidade entre eles e indícios dessa comunicação.

Apresento, a seguir, as narrativas mitológicas retiradas dos autores acima, dos interlocutores e de plataformas de websites, que ajudam a disseminar as diferentes narrativas acerca de Ossaim, e juntamente abarco comparações entre as mesmas e trago indícios de gemelaridades entre Ossaim, Saci e Exu, além de suas conexões. O objetivo dessa ferramenta mitológica é mostrar que os mitos se modificam, mas que continuam sendo propagados.

M1: OSSAIM RECUSA-SE A CORTAR AS ERVAS MIRACULOSAS

OSSAIM ERA O NOME DE UM ESCRAVO QUE FOI VENDIDO À ORUNMILÁ.

UM DIA ELE FOI À FLORESTA E LÁ CONHECEU ARONI QUE SABIA TUDO SOBRE AS PLANTAS.

⁶ Assentamento In: <https://caminhosdoaxe.com.br/encyclopedia/assentamento/>

Assentamento é um fundamento religioso que vem da África. É comum a vários povos e etnias, como os iorubás, fon (jeje) e bantos, os principais povos a virem para o Brasil como escravos, e dos quais herdamos essa prática. Um é um conjunto de objetos simbólicos que representam uma divindade (orixá, vodum, inquice), sendo que cada uma tem os seus símbolos específicos e apropriados. Acredita-se que o assentamento concentra o axé ou força espiritual daquela divindade. Por isso, é usado para cultuá-la e fazer os seus pedidos, trazendo progresso para a vida do que o possui. Um assentamento deve ser feito sempre por um sacerdote que tenha o conhecimento necessário para isso e que saiba como consagrá-lo devidamente. Caso contrário, será apenas um "conjunto de bugangas", sem valor espiritual.

ARONI, O GNOMO DE UMA PERNA SÓ, FICOU AMIGO DE OSSAIM E ENSINOU-LHE TODO O SEGREDO DAS ERVAS.

UM DIA, ORUNMILÁ, DESEJOSO DE FAZER UMA GRANDE PLANTAÇÃO, ORDENOU A OSSAIM QUE ROÇASSE O MATO DE SUAS TERRAS.

DIANTE DE UMA PLANTA QUE CURAVA DORES, OSSAIM EXCLAMAVA:

“ESTA NÃO PODE SER CORTADA, É A ERVA QUE CURA AS DORES”

DIANTE DE UMA PLANTA QUE CURAVA HEMORRAGIAS, DIZIA:

“ESTA ESTANCA O SANGUE, NÃO DEVE SER CORTADA”

EM FRENTE A UMA PLANTA QUE CURAVA A FEBRE, DIZIA:

“ESTA TAMBÉM NÃO, PORQUE REFRESCA O CORPO”

E ASSIM POR DIANTE.

ORUNMILÁ QUE ERA UM BABALÃO MUITO PROCURADO POR DOENTES, INTERESSOU-SE ENTÃO PELO PODER CURATIVO DAS PLANTAS E ORDENOU QUE OSSAIM FICASSE JUNTO DELE NOS MOMENTOS DE CONSULTA, QUE O AJUDASSE A CURAR OS ENFERMOS COM O USO DAS ERVAS MIRACULOSAS.

E ASSIM OSSAIM AJUDAVA ORUNMILÁ A RECEITAR E ACABOU SENDO CONHECIDO COMO O GRANDE MÉDICO QUE É. (PRANDI, 2001 p 152)

Aroni é um personagem que está presente nas narrativas de Pierre Verger (1981), ele é tido como um anãozinho, que segundo o autor se compara ao saci-pererê. Para esse, é Ossaim que fuma cachimbo de casca de caracol, mas seu “servo” Aroni, sendo que em algumas narrativas Aroni fala por Ossaim, é ele quem ensinara ao Orixá o uso das ervas.

“Ossain vive na floresta, em companhia de Àrònì, um anãozinho, comparável ao saci-pererê, que tem uma única perna e, segundo se diz no Brasil, fuma permanentemente um cachimbo feito de casca de caracol enfiado num talo oco cheio de suas folhas favoritas. Por causa dessa união com Àrònì, Ossain é saudado com a seguinte frase: “Holá! Proprietário de uma única perna que come o proprietário de duas pernas!” alusão às oferendas de galos e pombos que possuem duas patas, feitas a Ossain Àrònì, que possui apenas uma perna.” (VERGER, p. 54)

Também na narrativa de Baba Kejaye existe outro personagem chamado Vodun Agué, que este seria em seu entendimento a deidade que tem para Verger as características de Aroni, citadas acima.

Essas narrativas mostram algumas semelhanças com outro personagem que apresentamos anteriormente, o saci-pererê. Em comparação com o saci negro existe o processo de escravidão, tanto Ossaim como Saci tiveram suas vidas escravizadas em algumas versões, o que não difere de Aroni que em alguns momentos é confundido com Ossaim como apresentando por Verger na citação acima, quando se sauda Ossaim, se saúda Aroni, sem fazer distinção e sem especificar quem é o ser de uma perna só, podendo ser Ossaim ou Aroni, outra característica também presente no Saci.

A intriga a que se refere M1 é em relação a Ossaim não obedecer Orunmilá, Ossaim não corta as plantas desejadas pelo Orixá e somente por conta dessa sua desobediência que ele se torna o grande médico como é conhecido.

Um dos mitos mais conhecidos sobre o Orixá, infelizmente, não se encontram em livros, porém é disseminado nas narrativas dos fiéis aqui no Rio Grande do Sul, esta popular na internet. Entendo também que essa forma de conhecimento que cresce a cada dia tenha que ser valorizado, além de serem narrativas legítimas, contribuem com o acesso livre ao conhecimento das mesmas, a narrativa segue:

M2⁷: “NO COMEÇO DE TUDO, O CRIADOR QUE SE CHAMA OLORUM, TINHA DADO A CADA FILHO UMA PARTE DO MUNDO. PARA OSSANHA DEU A FLORESTA. A MISSÃO DE OSSANHA ERA CUIDAR DAS PLANTAS. OLORUM RECOMENDOU A ELE SOBRE ELAS:

- UMAS SERVEM PARA COMER, OUTRAS PARA FAZER REMÉDIO E OUTRAS PARA ENFEITAR, PRESENTAR E ADORNAR OS LUGARES.

QUANDO ALGUÉM PRECISAR, ATENDA.

⁷ Fonte:

<https://www.facebook.com/kizombaTV/photos/como-ossanha-perdeu-a-perna-lenda-no-come%C3%A7o-de-tudo-o-criador-que-se-chama-oloru/1313753338733972/>

OSSANHA NÃO SEGUIU À RISCA O MANDADO E GUARDOU AS PLANTAS SÓ PARA SI. SEMPRE QUE ALGUÉM SOLICITAVA ALGUMA PARA REMÉDIO OU PARA O QUE FOSSE ELE DIZIA NÃO TER, MENTINDO A QUEM DELA PRECISASSE. EM ATO DE FÚRIA POR NÃO ATENDER AS NECESSIDADES DE SEU POVO, XANGÔ MANDOU UM TROVÃO SEGUIDO DE UM RAIOS QUE ATINGIU A PERNA DE OSSANHA. NÃO SATISFEITO CHAMOU IANSÃ QUE CUIDAVA DOS VENTOS E ORDENOU QUE ELA FIZESSE UMA TEMPESTADE DE VENTO QUE ESPALHOU AS ERVAS DO ORIXÁ PELO MUNDO. É POR ISSO QUE OSSANHA ESTÁ EM TODO LUGAR QUE TEM MATO, RECOLHENDO AS PLANTAS QUE IANSÃ ESPALHOU.”

Neste mito, podemos identificar várias das categorias e regras que definem uma narrativa mitológica, a primeira delas é quando Ossanha não segue à risca o que foi mandado por Olorum. Dessa forma, ele gera um mal-entendido na narrativa, o fato de Ossanha ter que distribuir as ervas, mas ao invés disso as guarda produzindo a intriga.

Há também indiscrição da parte de Ossanha quando ele mente não ter as ervas, o eixo vertical é quando a narrativa tem uma mudança, uma reversão na narrativa, sem esse acontecimento a narrativa chegaria ao fim. Ainda no caso desta narrativa, o eixo vertical é quando Xangô lança seu raio, é o momento em que Ossanha perde a perna e as folhas são espalhadas por Iansã pelo mundo. Sem esse acontecimento, Ossanha guardaria as folhas para si e não as usaria para os encantamentos.

Em diversos momentos a ideia de dono das folhas, dono das ervas, aparece nas narrativas, algo que já foi mencionado por Rogério Rosa (2022B, p. 19-22), o qual cita que tomou conhecimento deste personagem através do meu projeto de TCC. Ossaim, portanto, detém esse conhecimento das ervas, e a ele, elas pertencem. Contudo, existem alguns momentos em que ele precisa compartilhar delas, como na narrativa a seguir:

M 3 : OSSAIM DÁ UMA FOLHA PARA CADA ORIXÁ

OSSAIM, FILHO DE NANÃ, E IRMÃO DE OXUMARÉ, EUÁ E OBALUAÊ, ERA O SENHOR DAS FOLHAS DA CIÊNCIA E DAS ERVAS, E ORIXÁ QUE CONHECE O SEGREDO DA CURA E O MISTÉRIO DA VIDA.

TODOS OS ORIXÁS RECORRIAM A OSSAIM PARA CURAR QUALQUER MOLÉSTIA, QUALQUER MAL DO CORPO.

TODOS DEPENDIAM DE OSSAIM NA LUTA CONTRA A DOENÇA.

TODOS IAM A CASA DE OSSAIM OFERECER SEUS SACRIFÍCIOS.

EM TROCA, OSSAIM LHES DAVA SEUS PREPARADOS MÁGICOS: BANHOS, CHÁS, INFUSÕES, ABÔ, BEBERAGENS.

CURAVA AS DORES, AS FERIDAS, OS SANGRAMENTOS; AS DISENTERIAS, OS INCHAÇOS E FRATURAS; CURAVA AS PESTES, FEBRES, ÓRGÃOS CORROMPIDOS; LIMPAVA A PELE PURULENTA E O SANGUE PISADO; LIVRAVA O CORPO DE TODOS OS MALES.

UM DIA XANGÔ, QUE ERA O DEUS DA JUSTIÇA, JULGOU QUE TODOS ORIXÁS DEVERIAM COMPARTILHAR O PODER DE OSSAIM, CONHECENDO O SEGREDO DAS ERVAS E O DOM DA CURA.

XANGÔ SENTENÇIOU QUE OSSAIM DIVIDISSE SUAS FOLHAS COM OUTROS ORIXÁS.

MAS OSSAIM NEGOU-SE A DIVIDIR SUAS FOLHAS COM OS OUTROS ORIXÁS.

XANGÔ ENTÃO ORDENOU QUE IANSÃ SOLTASSE O VENTO E TROUXESSE AO SEU PALÁCIO TODAS AS FOLHAS DA MATA DE OSSAIM PARA QUE FOSSEM DISTRIBUÍDAS AOS ORIXÁS.

IANÃ FEZ O QUE XANGÔ DETERMINARA.

GEROU UM FURACÃO QUE DERRUBOU AS FOLHAS DAS PLANTAS E AS ARRASTOU PELO AR EM DIREÇÃO AO PALÁCIO DE XANGÔ.

OSSAIM PERCEBEU O QUE ESTAVA ACONTECENDO E GRITOU:

“EUÊ UASSÁ!”

“AS FOLHAS FUNCIONAM!”

OSSAIM ORDENOU ÀS FOLHAS QUE VOLTASSEM ÀS SUAS MATAS E AS FOLHAS OBEDECERAM ÀS

ORDENS DE OSSAIM.

QUASE TODAS AS FOLHAS RETORNARAM PARA OSSAIM.

AS QUE JÁ ESTAVAM EM PODER DE XANGÔ PERDERAM O AXÉ, PERDERAM O PODER DE CURA.

O ORIXÁ-REI, QUE ERA UM ORIXÁ JUSTO, ADMITIU A VITÓRIA DE OSSAIM .

ENTENDEU QUE O PODER DAS FOLHAS DEVIA SER EXCLUSIVO DE OSSAIM E QUE ASSIM DEVIA PERMANECER ATRAVÉS DOS SÉCULOS .

OSSAIM, CONTUDO, DEU UMA FOLHA PARA CADA ORIXÁ, DEU UMA EUÊ PARA CADA UM DELES.

CADA FOLHA COM SEUS AXÉS E SEUS OFÓS, QUE SÃO AS CANTIGAS DE ENCANTAMENTO, SEM AS QUAIS AS FOLHAS NÃO FUNCIONAM.

OSSAIM DISTRIBUIU AS FOLHAS AOS ORIXÁS PARA QUE ELES NÃO MAIS O INVEJASSEM.

ELES TAMBÉM PODIAM REALIZAR PROEZAS COM AS ERVAS, MAS OS SEGREDOS MAIS PROFUNDOS ELE GUARDOU PRA SI.

OSSAIM NÃO CONTA SEUS SEGREDOS PRA NINGUÉM, OSSAIM NEM MESMO FALA. FALA POR ELE SEU CRIADO ARONI. OS ORIXÁS FICARAM GRATOS A OSSAIM E SEMPRE O REVERENCIAM QUANDO USAM AS FOLHAS. (PRANDI, 2001 p. 153/154)

Nesta narrativa vemos a ideia de criadagem/escravidão novamente, agora em relação a Aroni. Essa narrativa está repleta de intrigas, mas no meu entendimento a maior delas e fundamental para a narrativa é a inveja que os outros sentiam do conhecimento de Ossaim sobre as ervas, por conta disso as ervas são espalhadas, não há indícios de que Ossaim seja perneta nessa narrativa, porém, a partir da “lógica do discreto”, podemos identificar que Ossaim não fala, ou seja, a condição muda do orixá, ligada ao aparelho fonador, substitui a condição perneta.

Uma outra versão da mesma narrativa é a seguinte:

M4⁸: “Ọ̀SÁNYÌN RECEBEU DE OLÓDUMARÈ O SEGREDO E O PODER DAS FOLHAS E ERA MUITO ZELOSO DELAS; QUERIA ESSE PODER SOMENTE PARA SI E SE RECUSAVA TERMINANTEMENTE EM REPARTIR COM OS OUTROS.

PORÉM, UM DIA SÀNGÓ JULGOU QUE TODOS OS ÒRÌSÀ DEVERIAM POSSUIR SUAS FOLHAS PARTICULARES E NÃO DEPENDER DO PODER DE Ọ̀SÁNYÌN.

DESSA FORMA, SENTENCIOU QUE Ọ̀SÁNYÌN DIVIDISSE AS FOLHAS COM OS OUTROS ÒRÌSÀ, MAS ELE SE NEGOU. DIANTE DISSO, SÀNGÓ ENTÃO ORDENOU QUE OYA COM UMA VENTANIA TROUXESSE AO SEU PALÁCIO TODAS AS FOLHAS SAGRADAS DE Ọ̀SÁNYÌN PARA QUE FOSSEM DISTRIBUÍDAS AOS ÒRÌSÀ DE Ọ̀YỌ. OYA, ENTÃO, GEROU UM FURACÃO QUE DERRUBOU AS FOLHAS E AS ARRASTOU PELO AR EM DIREÇÃO AO PALÁCIO DE SÀNGÓ. Ọ̀SÁNYÌN PERCEBEU O QUE ESTAVA ACONTECENDO E GRITOU: EWÉ Ó! OU SEJA, OH! AS FOLHAS!

Ọ̀SÁNYÌN NESTE MOMENTO ORDENOU ÀS FOLHAS QUE VOLTASSEM ÀS MATAS E ELAS OBEDE CERAM. QUASE TODAS AS FOLHAS RETORNARAM PARA ELE. AS QUE JÁ ESTAVAM EM PODER DE SÀNGÓ PERDERAM O ÀSÈ, PERDERAM O PODER DA CURA. DIANTE DO OCORRIDO, SÀNGÓ ADMITIU A VITÓRIA DE Ọ̀SÁNYÌN E ENTENDEU QUE O PODER DAS FOLHAS DEVIA SER EXCLUSIVO DELE. Ọ̀SÁNYÌN, CONTUDO, DEU ALGUMAS FOLHAS PARA CADA ÒRÌSÀ. NO ENTANTO, PERMANECERIA COM ELE A CAPACIDADE DE ENCANTAR TAIS FOLHAS PARA A LITURGIA E PARA A CURA. ENCANTAMENTO ESTE QUE SE DARIA NO RITUAL DA SASÁNYÌN, SEM O QUAL AS FOLHAS NÃO FUNCIONAM.”

Diferente da narrativa anterior, onde Ossaim ensinou a cantiga para o encantamento das folhas, nessa esse poder continua pertencendo a Ossaim.

M5 : OSSAIM IMITA UM PÁSSARO E CASA COM A FILHA DO REI

UM REI DECIDIU CASAR A SUA FILHA MAIS VELHA.

DÁ-LA-IA EM CASAMENTO AO PRETENDENTE QUE ADIVINHASSE O NOME DE SUAS TRÊS FILHAS.

⁸ Fonte:

https://www.facebook.com/IleAselyamiOmiTutu/photos/a.392398700803164/1116077491768611/?type=3&locale=pt_BR

OSSAIM ACEITOU O DESAFIO.

À TARDE, OSSAIM SAIU SORRATEIRO POR TRÁS DO PALÁCIO.

SUBIU NO PÉ DE OBI E SE ESCONDEU ENTRE SEUS GALHOS.

QUANDO AS TRÊS PRINCESINHAS SAÍRAM PARA BRINCAR, FORAM SURPREENDIDAS POR UM CANTO QUE VINHA DAQUELA ÁRVORE.

ERA O CANTO DE PÁSSARO IRRESISTÍVEL, DE UM PASSARINHO DAS MATAS DE OSSAIM.

MAS O CANTO ERA DE OSSAIM IMITANDO O PÁSSARO.

O PASSARINHO BRINCOU COM AS TRÊS PRINCESAS E CONSEGUIU ASSIM SABER O NOME DELAS.

AÍO DELÊ, OMI DELÊ E ONÃ INÃ, ERAM ESTES OS NOMES DAS FILHAS DO REI.

SUA ESPERTEZA HAVIA DADO CERTO.

NO DIA SEGUINTE OSSAIM FOI AO REI E DECLAMOU A ELE O NOME DAS PRINCESAS.

OSSAIM ENTÃO CASOU-SE COM A MAIS VELHA.

SUA ESPERTEZA HAVIA DADO CERTO.

OSSAIM DESDE ENTÃO É IDENTIFICADO COMO PÁSSARO. (PRANDI, 2001 p 156)

Há um mito, contado a mim por Baba Kejaye, um dos interlocutores desse trabalho, onde também há relação entre Ossaim e Pássaros:

M6 : Osanyin desejava não somente saber o segredo e a magia das flores mas também os segredos das Iya-mi (mães pássaro) então ele colocou uma cabaca em cima de uma árvore como uma espécie de arapuca, um alçapão e aí puxava uma cordinha pro pássaro entrar e aí ele prendeu alguns pássaros e com isso

detentor de um segredo e os pássaros todos pertencem as Iya-mi (mães-pássaros).

Vale lembrar que na fauna brasileira há um pássaro conhecido como pássaro saci, de nome científico *Tapera Naevia*⁹. Este pássaro possui um penacho avermelhado e quando ele anda abre mais duas asas adjacentes que ficam no peito, a sua imagem se assemelha com uma imagem do livro Mitologia dos Orixás, o qual é uma representação de Osanyin.

Tanto Ossaim quanto Saci são identificados como pássaros, Ossaim carrega nas mãos uma haste com um pássaro na ponta, a qual representa essa conexão. Por sua vez, podemos também pensar que nas narrativas existe uma condição discreta de travessura, tanto na enganação da arapuca quanto na imitação do pássaro, as similaridades entre Ossaim e Saci se dão, por vezes, de formas muito discretas e sensíveis.



Imagem 1¹⁰: *Tapera Naevia*

⁹ In: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/saci>

¹⁰ Imagem retirada da internet, In: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/saci>

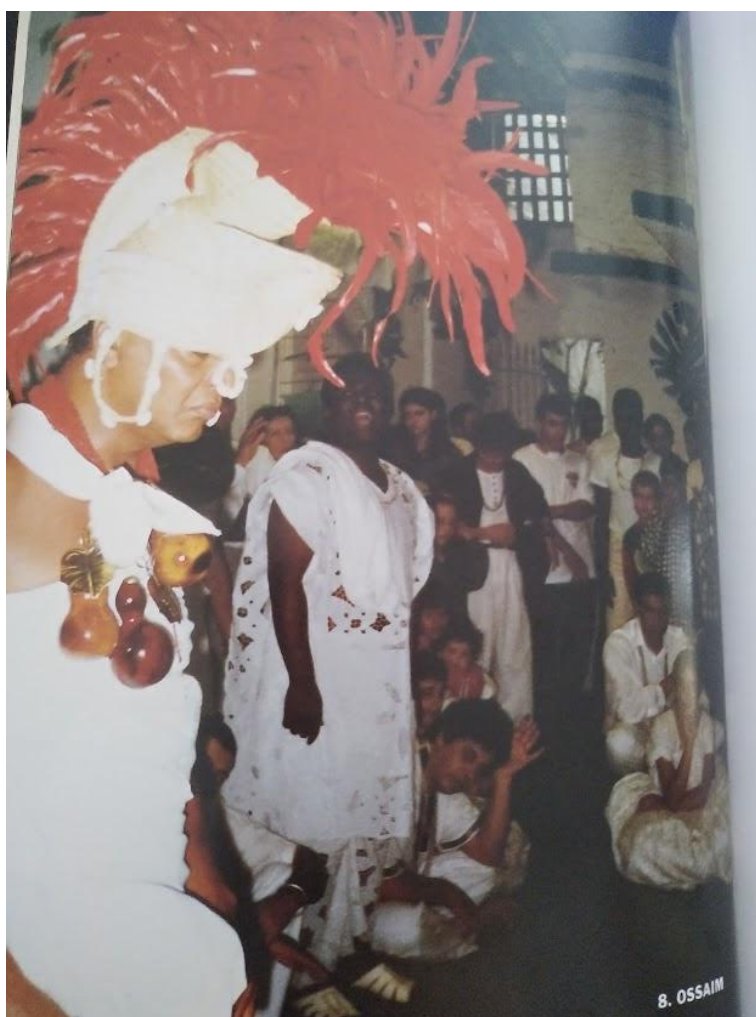


Imagem 2: Ossaim (PRANDI, 2001 pg 575)

M 7 : O OSSANHA, UMA VEZ SOFREU UM ACIDENTE E FICOU SEM A PERNA.

MAS ELE FOI BOTANDO FOLHAS ATÉ QUE SE CUROU.

AÍ OS OUTROS ORIXÁS VIRAM E CADA VEZ QUE TINHAM UMA DOENÇA PEDIAM PARA QUE ELE CURASSE. FOI ASSIM QUE ELE FICOU O MÉDICO DA NAÇÃO (BATUQUE); (ÉRICO DA OXUM). (CORRÊA, 2006 “n.p”)

Novamente encontramos a condição perneta na narrativa, mesmo sem identificar o acidente, fica nítido o conhecimento das ervas, uma narrativa tão curta e simples que ao mesmo tempo tão detalhada e complexa. A condição perneta de forma discreta, e o poder de cura também.

M8 : O OSSANHA, QUE É CARPINTEIRO, ESTAVA ENSINANDO O OGUM E O XANGÔ A SERRAR. AÍ APARECEU A IANSÃ, E OS DOIS SÓ OLHAVAM PARA ELA, NEM QUERIAM SABER DO TRABALHO, E O OSSANHA CHAMOU A ATENÇÃO DOS DOIS.

MAS ELE NÃO CONSEGUIA DEIXAR DE OLHAR, TAMBÉM, PARA ELA, E POR DISTRAÇÃO ELE SERROU A PRÓPRIA PERNA. DEPOIS ELE FOI PROCURAR FOLHAS NO MATO E BOTOU NA FERIDA E FICOU BOM.

POR ISTO É QUE ELE DANÇA NUMA PERNA SÓ E É O ORIXÁ DAS FOLHAS. (BABALÁU AYRTON DO XANGÔ). (CORRÊA, 2006 “n.p”)

Percebam que, os responsáveis por Ossaim perder a perna continuam sendo Xangô e Iansã, mesmo em contextos diferentes de M1, M2, M3, a narrativa mesmo que diferente, continua tendo a mesma origem, fica implícito que Ossaim conhece as folhas e os seus poderes quando ele foi até o mato buscá-las para curar-se.

M9 : OSSAIM COBRA POR TODAS AS CURAS QUE REALIZA

DESDE PEQUENO OSSAIM ANDAVA METIDO MATA ADENTRO.

CONHECIA TODAS AS FOLHAS E SEUS SEGREDOS.

DE CADA QUAL SABIA O ENCANTAMENTO APROPRIADO.

SABIA EMPREGÁ-LAS NA CURA DE DOENÇAS E OUTROS MALES E COM ELAS PREPARAVA BEBERAGENS, BANHOS E UNGENTOS, QUE CARREGAVA CONSIGO EM MIRACULOSAS CABACINHAS.

UM DIA, OSSAIM RESOLVEU PARTIR PELO MUNDO, SEMPRE PORTANDO SEUS MÁGICOS ATÓS, AS CABACINHAS.

SUA FAMA O ANTECIPAVA.

POR ONDE ANDAVA ERA ACLAMADO O GRANDE CURANDEIRO.

CERTA VEZ SALVOU A VIDA DE UM REI, QUE EM TROCA QUIS LHE DAR MUITAS RIQUEZAS.

OSSAIM NÃO ACEITOU NADA DAQUILO, SOMENTE RECEBIA HONORÁRIOS JUSTOS QUE ERAM PAGOS A QUALQUER MÉDICO OU FEITICEIRO.

TEMPOS DEPOIS SUA MÃE CAIU ENFERMA E SEUS IRMÃOS FORAM BUSCÁ-LO PARA TRATAR DELA.

OSSAIM CHEGOU COM SUAS FOLHAS E ATÓS DE REMÉDIOS, MAS ESTIPULOU UM PAGAMENTO DE SETE BÚZIOS PELA CURA.

OS IRMÃOS SE ESPANTARAM COM A EXIGÊNCIA, PORÉM, MESMO A CONTRAGOSTO PAGARAM A QUANTIA PEDIDA E A MÃE FOI SALVA.

O DINHEIRO ERA PARTE DA MAGIA, QUE TEM SEUS ENCANTAMENTOS, FÓRMULAS E PRECEITOS, QUE NEM MESMO OSSAIM PODE MUDAR.

OSSAIM CUROU A MÃE E SEGUIU O SEU CAMINHO, COMO A FOLHA QUE É LIVRE E O VENTO LEVA.
(PRANDI, 2001 p 154/155)

Nesta narrativa podemos perceber que Ossaim é livre como a folha que o vento leva, uma característica também muito conhecida em Saci, que anda por aí em seu redemoinho. O número sete também é muito importante, pois é um número que é muito apreciado pelo Saci:

“Em seguida pôs-se a procurar o meu pito de barro Achou o pito naquela mesa, pôs uma brasiinha dentro e 20 paque, paque, paque... tirou justamente sete fumaçadas. O saci gosta muito do número sete.”(LOBATO 1994, p. 19-20)

M10 : OSSAIM É MUTILADO POR ORUNMILÁ

OSSAIM VIVIA NUMA GUERRA NÃO DECLARADA COM ORUNMILÁ, PROCURANDO SEMPRE ENGANÁ-LO, PREPARANDO ARMADILHAS, PARA TRANSTORNO DO VELHO.

UM DIA ORUNMILÁ FOI CONSULTAR XANGÔ PARA DESCOBRIR QUEM SERIA AQUELE INIMIGO OCULTO QUE O ATORMENTAVA.

XANGÔ ACONSELHOU-O A FAZER OFERENDAS.

DEVIA OFERECER DOZE MECHAS DE ALGODÃO EM CHAMAS E DOZE PEDRAS DE RAIOS, EDUM ARÁ.

SE ISSO FOSSE FEITO, SERIA DESVENDADO O SEGREDO.

AO INICIAR O RITUAL, ORUNMILÁ INVOCOU O PODER DO FOGO.

NO MESMO MOMENTO, OSSAIM ANDAVA PELA MATA PROCURANDO NOVAMENTE ALGO PARA ENFEITIÇAR ORUNMILÁ.

OSSAIM FOI SURPREENDIDO POR UM RAIOS, QUE LHE MUTILOU O BRAÇO E A PERNA E O CEGOU DE UM OLHO.

ORUNMILÁ SEGUIU PARA O LOCAL ONDE SE VIA O FOGO E OUVIU GEMIDOS DO ALEIJADO.

AO TENTAR AJUDAR A VÍTIMA, ENCONTROU OSSAIM, DESCOBRINDO QUEM POR FIM ERA SEU MISTERIOSO INIMIGO. (PRANDI, 2001 p 160/161)

Outra narrativa semelhante contada a mim por Baba Kejaie, fala ao invés de inimizade, da amizade entre Ossaim e Exu:

M11 : Osaniyn estava dentro de uma mata colhendo suas folhas pra fazer os seus preparos medicinais e ele sofreu um ataque e nesse momento Exu vinha passando por ali, que também é conhecido como Onã, senhor dos caminhos e Exu o ajudou naquele momento dispersando os seus algozes, e aí Osaniyn compartilhou com ele o conhecimento de algumas folhas, não de todas obviamente, e aí Exu grato com aquilo, disse: "Todas as vezes que você necessitar da minha presença, porque eu posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo (Exu porta uma ferramenta chamada Ogó que é uma ferramenta mágica que quando ele impunha tal ferramenta pra frente ele pode se deslocar a lugares de diversos espaços) eu posso vir ao seu auxílio, basta assoviar."

E fica proposto um pacto naquele momento, que onde houver Osanyin haverá Exu e onde houver Exu haverá Osanyin, quando se faz o ritual de Sasányìn, que é o maceramento das folhas se acende uma brasa de carvão e se larga aquela brasa dentro da água, aquela brasa vai apagar, e ali está o entrelaçamento entre Exu, que é a brasa, o fogo com Osanyin.

Nessas duas narrativas anteriores M10 e M11, vemos uma conexão entre Ossaim e Exu (o Orixá). Em primeiro momento, é Ossaim que ataca e tenta por enganar Orunmilá, na segunda narrativa Ossaim é atacado e salvo por Exu, a partir da lógica do discreto é possível pensarmos que esses dois personagens se cruzam. O fogo na narrativa é também um elemento importante, presente no ritual de maceramento das ervas é sinal de inimizade em M10. O fato de Ossaim ter os olhos feridos, como vimos no capítulo anterior, Saci também tem dificuldade para enxergar e mais à frente esse dado se torna ainda mais intrigante. O assobio é uma categoria discreta muito interessante, na narrativa apresentada no capítulo anterior, retirada do áudio transcrito por Rogério Rosa (2022A), Saci anda pelas matas assobiando; nesta, Ossaim assobia para pedir ajuda.

Fica claro, portanto, que esses personagens Ossaim, Saci e Exu se interligam e se cruzam através de universos mitológicos, mas existem outras entidades que podem estar conectadas, uma delas é Exu Saci.

2.1 Exu Saci

Na linhagem dos Exus de umbanda e quimbanda está presente um exu que é chamado pelo nome de Exu Saci, trata-se de um exu pouco conhecido, o qual tomei conhecimento oralmente através de um vídeo na plataforma Youtube¹¹, onde um cacique da etnia Cariri Xocó, o qual é casado

¹¹ In:

<https://www.google.com/search?q=mestre+jonan+exu+saci&og=mestre+jonan+exu+saci&ags=chrome..69i57j33i160.4021j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:3adbfbaa,vid:YUj9sR-nyb8,st:0>

com uma umbandista, relata que o espírito deste Exu tem como função levar ao conhecimento do Grande Espírito, todas as brincadeiras maldosas que os seres humanos praticam nessa terra, como zombar, maldizer, falar mal de outros seres humanos.

No mesmo vídeo, Mestre Jonan de Angola, que é Mestre Quimbandeiro, conta que sua família trabalha há muito com Exu Saci, que sua mãe recebia tal entidade e que ele é um falangeiro da classes dos exus mirim, tratando-se de um ser “levado”, conta que Exu Saci gosta muito de mamão e que sua manifestação poderá usar gorro vermelho ou verde.

Segundo Mestre Jonan, Exu Saci gosta muito de pinga amarela misturada com fumo, com uma vela ele acende o seu cachimbo, em qualquer lugar na mata ou em pé de mamão.

O Mito de Exu saci é o seguinte:

“NA ÉPOCA DOS ESCRAVOS ELE ERA UM MOLEQUE MUITO FUJÃO, E ELE ACABOU TENDO UMA RELAÇÃO SEXUAL COM UMA MULHER BRANCA DA CASA GRANDE, O FAZENDEIRO ENTÃO TENTAVA PEGAR ELE E ELE SEMPRE SAIA CORRENDO NA MATA E, PORTANTO, NÃO CONSEGUIA PEGÁ-LO. CERTO DIA, QUANDO CONSEQUIRAM AGARRÁ-LO, CORTARAM-LHE A PERNA E ELE VEIO A FALECER SEM UMA DAS PERNAS”.

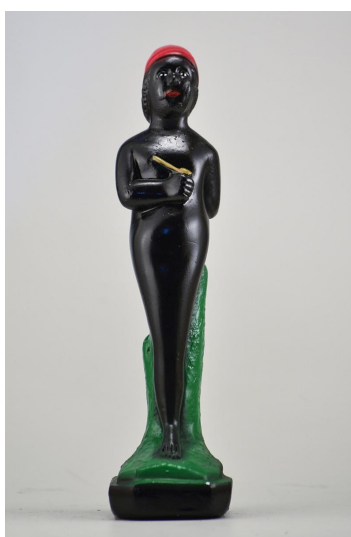


Imagem 3¹²: Exu Saci

¹² Imagem retirada da internet.

Pensemos que assim como Ossaim, Exu Saci tem uma de suas pernas cortadas por conta de um envolvimento amoroso assim como em M8.

As Gemelaridades

A partir da teoria mitológica que trouxe anteriormente, podemos pensar esses personagens não mais de forma distintas, mas em uma relação de homologia, a partir das regras mitológicas com suas semelhanças e generalidades com simetrias invertidas. Segue, portanto, uma tabela para elucidar tais investigações acerca dos personagens:

Ossaim	Saci Indígena	Exu Saci	Saci Negro
Uma ou duas pernas	Duas pernas	Uma perna	Uma ou duas pernas
Cura/Cobrança	Cura/Caridade	Caridade/Bagunça	Bagunça
Verde/vermelho	-	Verde/vermelho	Vermelho
Cachimbo	-	Cachimbo/cachaça	Cachimbo
Escravizado	-	Escravizado	Escravizado
Plantas/Mata/Floresta	Mata/Floresta	Mata	Mata/Floresta
Cego/Mudo	-	-	Dificuldade de enxergar

Tabela 2

Dentro dessas narrativas, o que buscamos para definir essas gemelaridades são principalmente as aproximações, as semelhanças entre os personagens. Em síntese, tanto Saci como Ossaim podem apresentar-se com uma ou duas pernas.

Ossaim aparece com apenas uma perna em M1, M7, M8 e M10, as descontinuidades se mostram na maneira como Ossaim perdeu seu membro,

em muitas mutilado, assim como em algumas narrativas Saci foi mutilado e Exu Saci do mesmo modo.

Vale lembrar que a narrativa de Exu Saci presente nesse trabalho vem de uma aldeia no Mato Grosso do Sul, porém pela mitologia podemos fazer essas relações aqui no Sul do Rio Grande do Sul. Pode-se dizer que são personagens que obedecem às mesmas características, mesmo em espaços diferentes.

Ossaim teve os olhos vazados, assim como Saci – como citado no início do texto – tem dificuldades para enxergar. Podemos pensar também no Saci Verdadeiro, visto que Ossaim cura, como vimos em M7, M8 e M9.

Saci também se assemelha a Exu Saci e Ossaim, em M3, pelo fato de ambos terem sido escravizados: Ossaim escravizado por Orunmilá, o qual mutilou Ossaim, e nos mitos de Exu Saci também seu “dono” o mutilou.

Uma característica que vem sendo citada desde o início desse texto é o assobio, na narrativa de Babá Kejaye, Ossaim assobia para chamar atenção de seu amigo Exu, tal assobio está presente na Narrativa de Rui (ROSA, 2022A), Saci chega chamando atenção através de seu assobio.

“Daí, tava bem escuro, por volta de oito horas mesmo, eu e meu colega estávamos brincando, dali a pouco nós começamos a escutar uns barulhos de assobio, um assobio alto foi chegando perto de nós, a gente foi conversando sobre aquele assobio para ver que barulho era aquele, e a gente foi indo, foi indo, até que a gente chegou em uma encruzilhada e o Saci se materializou na frente da gente.” (ROSA 2022A, pg 6)

Outro fato que vale ser mencionado é que esse encontro tenha se dado na encruzilhada, local característico de culto a Exu.

Além disso, Ossaim e seus mitos são cercados de diversas intrigas, em M2 quando Ossaim de forma consciente se recusa a obedecer Olodumaré, podemos identificar uma desobediência de sua parte. Essa desobediência é o cerne para que a narrativa tenha o impacto mostrado, do espalhamento das folhas. Em M3 também podemos perceber essa desobediência da parte de Ossaim a seu Senhor, afinal se Ossaim tivesse obedecido às ordens de cortar as plantas, ele não as poderia usar para cura medicamentos.

Em M5, a intriga, do meu ponto de vista, passa a estar no rei que foi enganado pelo canto de Ossaim às três filhas, se essa indução protagonizada pelo orixá não tivesse dado resultado, Ossaim não se casaria com a filha do rei. No caso citado, houve um engano, uma falta de comunicação com outrem, portanto, mal-entendido (Lévi-Strauss, A Gesta de Asdiwal).

Desta forma, fica provado (assim como 2+2 podem ser 5) que as narrativas mitológicas ultrapassam de fato, limites geográficos, temporais, e as relações entre os seres humanos e não humanos.

3. AS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS, O SINCRETISMO E UM ENCONTRO

Esse trabalho não tem por objetivo discorrer pelas histórias das religiões Afro-gaúchas, porém existe a necessidade de se compreender de maneira mais geral. Mesmo com um aporte teórico, trago a religião principalmente pela narrativa dos interlocutores, os quais de fato vivem a mesma em seu dia a dia.

Segundo Ari Pedro Oro (2002), os primeiros terreiros da Província Sul Riograndense foram fundados nas regiões de Rio Grande e Pelotas, isso se deu principalmente por ser uma região de portos e onde concentravam-se as charqueadas, visto que, na historiografia do Rio Grande do Sul seriam as charqueadas, o grande mote econômico da região, sistema que se valia de mão de obra escravizada para seu funcionamento (aproximadamente, 34 charqueadas funcionavam a pleno vapor). Nesse cenário, Pelotas foi tão relevante que, em 1861, o charque contribuía com 37,7% do total do que o RS exportava, sendo o couro com 37,2% do total, juntos somando 74,9% da produção gaúcha para fora do Estado (ORO, 2002 p. 349).

A relação entre trabalho escravizado e produção do charque era tanta que à medida que a abolição se aproximava, a produção também diminuía. Com a abolição da escravatura, os negros se fixaram por volta dessas regiões de Pelotas e Rio Grande, um dos Quilombos remanescentes fica localizado em Monte Bonito, 9º Distrito de Pelotas (RS), o Quilombo Vó Elvira é constituído por mais de 20 famílias que vivem em uma área de cinco hectares¹³. Não se sabe ao certo como o batuque chegou ao RS, uma das teorias enquanto mito fundador seria uma mulher negra escravizada que veio de Recife, sendo que outra diz respeito às diversas etnias africanas que aportaram nesta região (ORO, 2002 p. 349).

No censo de 2010, a cidade de Pelotas possuía 320 mil habitantes, sendo que 60 mil se autodeclaravam negros ou pardos (IBGE, 2010). Em 2022 a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) realizou uma pesquisa que aponta que 20% da população do Rio Grande do

¹³ In: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/museuafrobrasilsul/>

Sul é Negra. Com o tempo as religiões afro-gaúchas foram tomando suas formas próprias, e as perseguições em relação às mesmas continuaram, ou seja, desde a senzala onde as pessoas escravizadas cultuavam seus orixás de forma encoberta, como afirmou um preto velho que conheci, do qual tratarei à frente: “me obrigaram a pedir coisa pra uns que eu nem conhecia... nem sabia o nome...”. Já segundo Marcelo Tadvall Batista:

“Trazidos pelos escravos durante o período colonial, esses cultos foram sempre percebidos pela sociedade “letrada” e formadora de opinião como primitivos, arcaicos, formas rasas de feitiçaria e até mesmo como doenças” (TADVALD, 2007, p. 143).

Desde o início, essas religiões são tidas como “demoníacas” do ponto de vista cristão, como algo maléfico, principalmente através da figura do Exu.

“Assim, os escritos de viajantes, missionários e outros observadores que estiveram em território fô ou iorubá entre os séculos XVIII e XIX, todos eles de cultura cristã, quando não cristãos de profissão, descreveram Exu sempre ressaltando aqueles aspectos que o mostravam, aos olhos ocidentais, como entidade destacadamente sexualizada e demoníaca” (PRANDI 2001 p.47).

Mesmo dentro de todo esse processo de apagamento e demonização, as religiões afro-gaúchas cresceram e o estado se tornou o mais numeroso em relação a terreiros e fiéis deste segmento (IBGE, 2000).

Existem, portanto, inúmeras variações de religiões afro, a seguir vou me ater a duas: O Batuque de Nação (Nagô) e a Linha Cruzada.

3.1. Batuque de Nação

O batuque é o segmento que trata diretamente dos Orixás, que tem a mínima ou nenhuma presença de espíritos tais como, Exus, Preto Velhos, Ciganos, Caboclos e os demais cultuados na umbanda. O médium recebe apenas um Orixá, por tradição a ocupação do Orixá é mantida em segredo para que quem os recebe, os filhos de santo não saibam da sua chegada o sacrifício de animais é algo imprescindível, o Ogan (tamboreiro) não se ocupa de Orixá. (SPERONI, 2018)

Geralmente, os Orixás são fixados em pedras, estatuetas de madeira ou ferramentas de metais que os representam. Essas características podem

variar de casa para casa. Existem inúmeros relatos que o batuque de nação da tradição Nagô está desaparecendo.

“Hoje essa forma religiosa está praticamente extinta, outrora, foi considerada a origem do culto no Rio Grande do Sul, bem como pode ser considerada originária de cânticos de outras nações. Algumas características dessa nação estão relacionadas aos números míticos de alguns orixás, outra característica é o local de homenagem aos mortos no templo (balé), sendo que para os Nagô é na frente da casa e para os demais aos fundos. Outra diferenciação do Nagô é que os ocutás são enterrados e não guardados em vasilhas na prateleira no quarto de santo” (SPERONI, 2018. p. 29)

Porém, esta vertente continua viva e tem uma grande história na cidade de Pelotas. Para continuar, vou me ater a alguns fatos passados oralmente pelo Babá Kejaye, em uma longa conversa que tivemos, a seguir temos a transcrição do áudio gravado na ocasião. Mas, antes, cabe mencionar que Babá Kejaye é Babalorixá desde os seus 21 anos na tradição de Batuque Nagô, sendo que ele me recebeu em sua casa no Ilê Axé Nago Oluorogbo, no Bairro Porto, na Cidade de Pelotas, tendo sido um dos mais importantes interlocutores deste trabalho.

Escolhi esse local para desenvolver a maior parte do trabalho por alguns motivos, como visto acima existe o relato que o Batuque Nagô está em processo de extinção no Rio Grande do Sul, assim como no início da investigação, Ossaim também estaria, nada melhor que juntar dois processos de desaparecimento e mostrar a vivacidade destes. Importante também mencionar que esse segmento do batuque é muito específico, existem diversas outras formas de pensar o batuque, cada casa de religião possui os seus fundamentos, porém, meu interlocutor foi escolhido pelos motivos mencionados acima e iremos tratar da sua cosmovisão sobre o batuque.

Segue a conversa onde ele narra a origem do Ilê Axé e sua espiritualidade, além de algumas especificidades da sua casa de religião:

“No meu caso, existiu uma escravizada da cidade de Igbá, cidade de Iemanjá, foi trazida

pro Brasil e mais tarde depois de um processo de alforria ela vai fundar um terreiro, não um terreiro... porque terreiro a gente pensa sobre a umbanda, mas um Ilê Axé, uma Instituição de Cultos de Tradição de Orixá, muito conhecida em Pernambuco, na verdade, a mais conhecida que é o Ilê Obá Ogunté, hoje em dia conhecida como Sítio de Pai Adão, e lá vai ser iniciado o meu tataravô que é o Leopoldo Bettiol. O Leopoldo Bettiol é o escritor do primeiro livro de umbanda do Brasil, o primeiro congresso de umbanda também foi ele que organizou e o Leopoldo Bettiol nesse processo de iniciações de árvore genealógica depois vai iniciar meu tio bisavô e meu bisavô, meu bisavô é o Paulo Menezes de Xangô e

meu tio avô que é irmão de iniciação dele é o sociólogo Edison Carneiro e ambos são escritores de livros de umbanda. Aliás, eles juntos vão fundar o que hoje pessoas chamam de Umbanda Iniciática Esotérica. O Edison Carneiro escreve seus livros com o pseudônimo de Oliveira Magno e o Paulo Menezes com o pseudônimo de Emanuel Zespo. E o Paulo Menezes vai iniciar o babalorixá do meu babalorixá, que é o Ibrain Atalla Chefe, é um senhor que veio fugido da Turquia, veio ele, dois filhos e a filha, até a filha foi namorada do meu tio de sangue, irmão da minha mãe. E ele se muda aqui pra cidade de Pelotas e após essa iniciação pelas mãos do Paulo Menezes, ele vai fundar a primeira casa de tradição

Nagô aqui na cidade, que é a Sociedade Espiritualista do Rio Grande do Sul, ela fica localizada ali na frente da Praça dos Enforcados, existe até hoje, não inicia mais pra Orixá, porque o último sacerdote faleceu há três anos atrás, com 94 anos, e ninguém o substituiu."

Aqui podemos presenciar indícios que poderiam levar a imaginar que esse segmento do batuque nagô estaria em processo de desaparecimento.

"Quem era iniciado ainda vai lá reverenciar, tem um lugar de adoração, mas o lugar presta somente ao atendimento com Umbanda Esotérica, porque a linhagem vem disso. Em todas as casas Nagô da cidade de Pelotas, em Santa Catarina, descendem daqui da SERGS (Sociedade Espiritualista do Rio

Grande do Sul). Há uma em Porto Alegre que é a Ilê de Oxóssi que também é daqui, todas as pessoas são netos ou bisnetos do Ibrain. Há, que eu saiba, aqui na cidade atualmente que iniciem na tradição (porque existem algumas casas que mantêm o culto, mas que por situação de interferência de alguma outra religião, ou idade dos sacerdotes não iniciam mais ninguém), sou eu, essa casa aqui e uma outra que também fica aqui na Dom Pedro."

Percebam que a origem das casas de batuque nagô segundo meu interlocutor, descendem da cidade de Pelotas.

"Agora estou na Dom Pedro, a casa nem sempre foi aqui, lá embaixo perto do Guanabara que é o Centro de Pesquisa e

Prática Espiritualista, quem o dirige é o Babá Kajuedé, Sérgio de Iemanjá Ogunté. A casa foi fundada em 2008, não era aqui, era no Bairro Três Vendas e lá foi palco, podemos dizer assim, de muitas pesquisas, de conservadores, restauradores, antropólogos, arqueólogos, várias pessoas nos visitaram nesse percurso e teve um motivo, o motivo é: as três principais lojas ou instituições aqui da cidade uma que ainda existe que é a do Ibrain e as outras duas que não tem mais, uma é uma garagem e outra não existe fisicamente porque foi construído um edifício, esses lugares foram doados pela maçonaria, inclusive a SERGS, a casa é da maçonaria, porque 90% dos nagôs aqui em Pelotas são maçons, com isso o

batuque Nagô se tornou uma sociedade hermética, uma sociedade fechada, a umbanda já é hermética (também conhecida como esotérica), e essas relações de Ordem Rosacruz, porque o Paulo Menezes era Rosacruz, e a umbanda hermética, já um misto de cultura Bakongo com Rosacruz, essa era a ideia, e o Ibrain era maçom fez com que as pessoas fechassem as portas e fica uma coisa assim... Ah, quem participa? Só a convite! Então, se oferece para o público a Umbanda Esotérica com atendimento, pro passe, pra consulta e o processo iniciático fica com essa coisa de convite uma pessoa lá de dentro convida fulano... Por isso, não existe cerimônias públicas Nagô até eu fundar a

minha casa. Aí eu olhei todo esse panorama desde a primeira casa e pensei, e comecei a ver quando entrei na universidade a historiografia e etnologia... A última pessoa, o Norton Corrêa, cita que é uma nação quase extinta e aí eu fico pensando como praticante, porque todo mundo que vem aqui adora, porque fica aquela ideia assim.. ou tá quase extinta, ou a gente nunca mais vai encontrar alguém, ou todo mundo morreu e aí eu começo a citar, citar, citar; daqui a pouco são 36 pessoas que estão vivas por aí e as pessoas acham um máximo, começam a anotar e a procurar as pessoas e aí eu dizia, tem o fulano aqui, tem a fulana ali, tem o fulano que não tem casa mas tu pode visitar ele, só que mesmo essas

peessoas tem essa situação de portas fechadas, então eu pensei vou tornar públicas as cerimônias e convidar as pessoas para participar das nossas ritualísticas do que a gente chama de festas grandes.

O nosso calendário ritualístico anual, e aí isso deu um olhar de: achamos uma casa Nagô e tem cerimônia pública."

Sobre o Nagô no Ilê Axé Oluorogbo:

"Acerca da tradição aqui, a maior diferença que existe da tradição Nagô pras demais é as nossas vestimentas, a gente usa ou a bata nigeriana ou todos de branco, não se paramenta a divindade e as vezes em transe se coloca um pano com uma nuance colorida pra diferenciar os que estão em transe dos que não

estão. As cores também diferem das outras nações, e o transe não é tão abrupto assim. No Nagô não temos o tabu de saber do transe, nem teria como a nação existir se tivesse porque nós só iniciamos as pessoas a orixá que entram em transe, é isso que nos difere das demais nações, somos conhecedores do transe com isso temos os cargos, o cargo já diz quem é de transe, ogan é o homem que não entra em transe. O panteão é mais numeroso, e isso não nos torna nem melhores nem piores, nós cultuamos 16 deidades e na verdade são mais, essas 16 a gente sempre cita porque são as divindades iniciáticas, às vezes até os adeptos não lembram das outras porque não são orixás que se fazem presentes, são deuses

que a gente cultua particularmente pra pedir dinheiro, saúde, que não são deuses de transe também não se faz iniciação na nação e essa roda de xangô/balança de xangô, nós também não temos, porque como a liturgia é diferente não englobaria, não teriam motivos pra fazer essa invocação, porque todos os dias que se faz o xirê que é o momento em que a gente canta e bate o nosso tambor pra invocação dos deuses, é até quase uma citação antropológica, tem um antropólogo que fala sobre isso, a cada adurá, a cada reza que a gente canta, aquela divindade vem e dificilmente essa divindade canta e dança ao toque e ao cântico de uma outra, eu sei que nas outras nações as divindades vão ficando e vão dançando que

tiver tocando. Aqui, Ogum vai dançar o toque de Ogum, no canto de Ogum depois se dá um "lô" a pessoa desperta e as outras divindades vem. Não há nenhuma problemática das divindades ficarem, inclusive há divindades que são inimigas uma das outras mitologicamente e aí existe um conflito energético no encontro das divindades. Geralmente quando há presença de todas as divindades (que houver na casa e houver iniciado) é nessas festas grandes, aí se canta a todas as divindades, mas há rituais aqui em casa, que é o cerne do que se faz aqui em casa, o culto a apenas um orixá, e aí se canta apenas para esse orixá nesse dia."

Questiono se o culto é apenas para orixá, pois em outras linhagens afro-brasileiras temos a presença muito forte também em rituais distintos, mas

onde o mesmo médium que recebe o Orixá também recebe exus, pombagiras, caboclos...

"Só para orixá, no Nagô não se pode ser umbandista, para nós, o corpo é sacro, iniciado uma deidade não se empresta o corpo a um espírito para ser cavalgando porque dentro da cultura Yorubá existe o culto de materialização que é de baba egungun, aquele pano que sufla e que levanta sozinho sem ter ninguém embaixo tem um motivo pra existir, não é um espetáculo, com todo perdão da palavra, pra antropólogo dizer que maravilha! Não, não é! É porque justamente está acontecendo a materialização porque a incorporação não é Iorubá, ela é Angola, em Angola os deuses são naturais, são a própria natureza, os nosso são divinizados pelos seres

humanos que ascenderam a morte, por isso, a morte a eles é estranha, isso os repele. As pessoas confundem o que é orixá do que é imolé. No Nagô orixá é Olokum (deus do mar), Ajé (deusa da riqueza), Orunmilá (deus do oráculo) nenhuma dessas divindades vem à terra, ou são deuses gerados ou autogerados, os demais cada um foi rei ou heroína de uma cidade da Nigéria e lá foi divinizado pela cidade e seu povo, existiram, e como eles são divinizados com esse processo de ascender à morte fez com que eles se tornassem deuses não há o contrário, essas coisas não se comunicam, quixá tu incorporar o preto velho. Nós não temos problemas de ir num terreiro de umbanda tomar passe. A

questão é desenvolvimento mediúnico e em utilizar o corpo que é da deidade pra ser cavalgado por um espírito. A gente conversa com os espíritos do meio familiar, através de oráculo, faz oferta, temos meios específicos para fazer isso. Chama-se Egun Eṣá, que fica no pote de barro, digamos, o que se materializa chama-se baba egungun, o sacerdote de orixá não faz parte do culto de materialização, o limite dele é com a materialidade. A religião Iorubá ela é vária ela não se firma somente na tradição de orixá, existem vários outros cultos, masculino, feminino, oraculares e, no caso pra tradição de orixá, há vários limites pra adentrar essas outras. A casa, então, é regida por Orixá, o

Orixá fala, conversa com as pessoas, receita as coisas. No Nagô nós não cultuamos os orixás femininos junto com os masculinos, os masculinos ficam sempre à direita e os assentamentos femininos ficam à esquerda, e assim é a conformação da roda: homens para um lado, mulheres para o outro. Essa... não é uma dualidade... mas essa situação de... no Nagô inclusive, quando se inicia alguém pra Orixá é um Orixá. Não tem essa coisa de pai e mãe de cabeça, é uma divindade apenas e quando tem oferendas nunca se faz masculino e feminino, quando é daquele é só pra ele ou pra quem tem ligação com aquela deidade, e quando é feminino para aquela deidade e outras. Os orixás no Nagô a ordem é assim,

eu vou te dizer os nomes, mas não que a gente chame por esses nomes nas festas, porque aí as pessoas muitas vezes não se ligam, porque na cultura popular todo mundo já ouviu falar de Iemanjá, se eu falo outro nome a pessoa não se liga, não existe Bará no Nagô é Exu, porque o nome da divindade é Exu, porque Bará pra nós é outra coisa que, é um desdobramento de Exu quando Ba (dono) Ará (do corpo) ele é assentado três dias antes da iniciação pra ser interlocutor entre a pessoa e a divindade porque, no nosso entendimento, os nossos deuses só entendem o idioma Yorubá, não entendem o português então ele vai fazer essa interlocução, como dono do corpo daquela pessoa, esse sim é

individual, pessoal, intransferível, os demais Orixás não são individuais, pessoais, intransferíveis. Isso pra nós é o ori da nossa alma, que é um culto à parte da tradição de orixá, que é a primeira coisa que se faz na nação nagô. No nagô se tem 30 pessoas iniciadas de Oxum, uma só recebe, porque o transe não é mediúnico, ninguém vai se desenvolver com Oxum, e a gente não diz assim: 'a Oxum da fulana', é Oxum na fulana porque não é dela. Nós não temos o que a nação Cabinda tem que eles chamam de gigena, é no idioma kibundo é o sobrenome do inquice na nação Angola. Orixá não tem nome nem sobrenome, o nome que a gente recebe na cerimônia pública depois de ser iniciado depois

de sete dias é o nome civil religioso da pessoa, não do orixá. Eu sou Babá Kejaye, esse meu nome não é o nome da divindade, eu sou iniciado a Baba Olufon e Babá Olufon ponto, não Babá Olufon sei lá o que de alguma coisa. Não tem nome nem sobrenome, é a divindade. E a gente entende o transe como a plenitude, como a escuridão dos sentidos, não há diferença entre eu receber Olufon e outra pessoa receber, o nível de seriedade que se dá pro transe é igual independente de ser sacerdote ou qualquer pessoa. Se uma pessoa receber Orixá eu bato cabeça para aquele Orixá e nenhum Orixá bate cabeça pra mim. Sobre o panteão: Exu, Oluveré (Iroko), Ogum, Logun Edé, Oxóssi, Osanyin, Obaluaê

(Xapanã jamais deve ser dito dentro de uma casa Nagô, porque o nome da divindade atrai doença e energias negativas, Obaluaê dono e senhor da terra), Xangô, Oxumaré, Nanã, Ewá, Obá, Iyamesan Oyá, (não existe Iansã no Nagô), Iyalode (Oxum), Iyaolodo (Iemanjá), Orixalá (Obatalá, Oxalá não existe no Nagô). Fora isso, nós temos assentamentos de Olokum pai de Iemanjá, deus do oceano; de Olossá, deusa da lagoa; Ajé, deusa da riqueza; e, Igbeji. No Nagô só vai pra cozinha quem é do cargo da cozinha, pra nós é um cargo não é uma função, o iniciado permanece sete anos somente voltado ao culto da divindade nele, da alma dele e do Bará que é pessoal, individual e

intransferível, pra estreitar cada vez mais essa comunicação, ademais, não enche quartinha, não fazem maceramento de ervas, não cozinham, não fazem nada. No Nagô não existem ervas específicas de Orixá, mas são utilizadas para eles, existe um horário específico pra colher essas ervas, existe um dia, existe uma lua, existem dias que não pode, e como diria uma grande sacerdotisa da qual eu sou fã, ela sempre diz: "sempre que vai se pegar uma erva se olha em volta porque pode ser a última da Terra", no sentido de equilíbrio, de ver se aquela erva não está em extinção pra se pegar apenas o necessário. Para nós existem folhas masculinas e folhas femininas, folhas quentes e folhas frias. No

momento em que a gente identifica essas folhas a gente diz: essa folha se é pra Orixá masculino ela é masculina? Ela é quente? Ela é fria? Porque tem uma coisa no senso comum, a história do dendê... eu vejo muito na internet... ah eu sou de Oyá que nem o dendê, quente! Pra nós, mel aquece e dendê esfria, se tu pensar isso tem uma lógica porque pra Orixás Iemanjá, Oxum, Obatalá que são divindades do ar, da água, se rega com mel, as divindades ligadas ao fogo, aos vulcões, ao raio, ao trovão. Xangô, Oyá, Obá se rega com muito dendê, justamente pra resfriá-los. Se faz essa analogia do quente, do frio, do masculino, do feminino, se diz... 'óh, essa erra pode ser eleita'. Se abre um jogo e se a

deidade aceitar a erra se usa aquela erra, e erra só passa a ser de Orixá depois do Ofó, depois do encantamento."

Sobre o sincretismo:

"Dentro do Nagô eu acredito que pela influência maçônica, fez com que o Nagô sobrevivesse a ditadura militar e a ocultação do sagrado por outros meios. Assentaram, o que as outras nações chamam de Bará, numa casinha de cachorro do outro lado da rua por uma imposição da ditadura no momento em que se proibia, e manifestar era passível de ser preso, se tu dissesse que era da religião de matriz africana, então, um policial passa na tua porta e vê uma casinha de cachorro jamais vai pensar que é uma divindade africana que

está ali instaurada. A outra situação é a presença de bolos e balões dentro do Ilê Axé, que são de cultura ocidental, que segundo um amigo meu, Fernando de Candomblé Ketu, ele entende que também era um processo da ditadura militar, e aí sim, se batia na porta escondia-se os tambores e aí essa situações dos orixás em prateleiras atrás de uma cortina (Outras nações). Eu entendo a necessidade na época, fechavam-se as cortinas e estavam com os balões realizando uma festa de aniversário. Aqui nós temos os Ojubós nas pilastras em um intenção não só de potencializar a energia, mas também pras pessoas verem o assentamento, porque não adianta as pessoas irem numa casa de orixá querendo loucamente

saber sobre Orixá e aí tu vê uma cortina fechada, na frente, uma Nossa Senhora das Graças, um São Jorge e um São Miguel Arcanjo. E o sincretismo, acho que não recaiu sobre nós porque as casas eram justamente fechadas, ninguém entrava, por conta da maçonaria, aqui em Pelotas o Nagô não era religião para pobre. Por mais que soe engraçado, a casa de Ibraim era a sociedade dos Cartola, esse era nome, conhecido lá no Café Aquários, porque Oyá baixava no Café Aquários, inúmeros relatos que Ibraim recebeu Oyá no Café Aquários e os cartola seguiam Oyá, desciam a Lobo da Costa para continuar os rituais lá na SERGS, e não entrava negro, não é porque ele não gostasse de negro, a

questão é que se atendia a elite que é preconceituosa, mas durante o apagar das luzes, recebia pessoas de várias etnias, uma delas a Vó Lúca de Xangô. Ela nasceu de uma escrava que veio de Oió. A gente tem uma noção antropomórfica do que são os Orixás, mas não temos uma imagem de orixá."

Em seguida, entrei no lugar dos rituais de grande festa da casa já citadas no relato acima, na porta do assentamento para Exu, seguido do assentamento de Ossaim.



Imagem 4¹⁴: Baba Kejaye

¹⁴ Imagem retirada da internet In: www.casadenago.com.br

Durante a longa narrativa, me abstive de muitos comentários, pois em meu entendimento apesar do aporte teórico bibliográfico já apresentado, a maior autoridade para falar de sua religião é quem a vive e a pratica, portanto ao longo da minha formação e experiências em campo, aprendi que o interlocutor é a maior ferramenta metodológica.

3.2. Linha Cruzada

A Linha Cruzada é composta tanto por rituais de umbanda que seguem as linhas de direita como (preto-velhos, caboclos, crianças...), Quimbanda que seriam os de esquerda (exus, pombagiras, malandros...) e Batuque, o cruzamento, como já indica o nome deu origem a essa tradição que é uma das mais popularmente disseminadas no Rio Grande do Sul.

“De uma maneira geral, são extremamente precários os números acerca dos terreiros existentes no Rio Grande do Sul, bem como a incidência de rituais dentro das três modalidades religiosas acima referidas. Seja como for, e para dar ao menos uma idéia de grandeza, sugiro que deva existir hoje cerca de trinta mil terreiros em atuação neste estado, onde, em cerca de 80% deles são celebrados rituais de Linha Cruzada, em 10% somente rituais de Umbanda (caboclos e pretos velhos) e em 10% somente rituais de Batuque (nação) (ORO, 2002 p. 358).”

Essa modalidade é deveras recente, com início em 1960, e teve grande popularidade pelo custo ritual mais baixo e aprendizado mais simples em relação ao batuque. Junto com o capitalismo vieram as necessidades que estavam ao alcance da população, enfim que não alterassem o ritmo cotidiano dos trabalhadores, o que gerou uma alteração em algo que era imprescindível no batuque: o sacrifício animal (ORO, 2008, p.357-8).

Airton de Oxalá, é umbandista desde sua adolescência, ele não se considera pai de santo, mas tem todas as atribuições de um quando toca umbanda na sala de sua casa, o seu Caboclo Sete Flechas se apresentou a ele quando ainda era adolescente. Há pouco mais de um ano, Airton tem seu terreiro próprio, localizado no Bairro Simões Lopes, Pelotas. Airton de Oxalá diz que seu terreiro é espiritualista, mas com grande influência da umbanda cruzada, conforme supracitada. Uma diferença importante em relação ao batuque, foi relatado por ele pelo mesmo em um acordo que ele fez com seu Exu (Exu do Lodo), o qual não “cortaria”; nem para ele e nem para outros

(sacrifício animal), portanto as ritualísticas todas são feitas com sangue vegetal.

Para Airton de Oxalá os transe são de forma consciente na maioria das vezes, pois seria a união do médium com uma partícula da entidade, por assim dizer, no caso de estar em transe com um Orixá, em seu entendimento não se deve comentar quando a pessoa voltar do processo ritual, pois deve ser um segredo entre a pessoa que está em transe e o Orixá.

No seu terreiro existe o sincretismo, mas ele coloca o seguinte:

"a maioria das casas de umbanda são periféricas e é muito caro imagem de Orixá Negro, e serve também como aproximação daquilo que a pessoa já conhece, o que vale é a intenção. Cada Orixá tem sua cor, mas se eu não tiver dinheiro pra comprar uma vela colorida pra cada Orixá, uma branca pra todos vai ter que resolver, assim como, as comidas todas nós consumimos depois".

Nas ocasiões em que estive no Terreiro Espiritualista Sagrado Coração de Jesus, presenciei tanto rituais de direita como de esquerda, conheci várias entidades, Caboclo Sete Flechas, Caboclo Pena Branca, Pombagira Menina, Pombagira Maria Mulambo, Exu do Lodo, Erê Luquinhas da Cachoeira e o Erê Luquinhas da Praia, e um dos mais importantes para

essa discussão, o qual irei tratar à frente, o Pai Joaquim de Aruanda, um preto velho com um senso de humor muito apurado.

O assentamento de Bará é na rua, como havia relatado a diferença em relação ao Nagô, que o assentamento ao Orixá Exu se dá dentro de casa. Vale relatar que esse Exu (Exu do Lodo) não se trata do Orixá, mas sim de uma entidade a qual Airton de Oxalá chama de Exu Catijo, enquanto o Bará seria o equivalente a Exu, o Orixá.

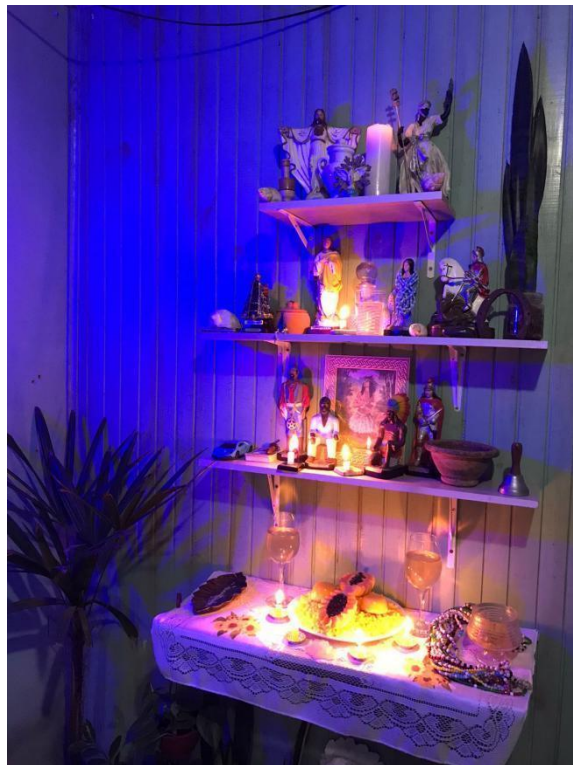


Imagem 5: Congá no Terreiro Sagrado Coração de Jesus

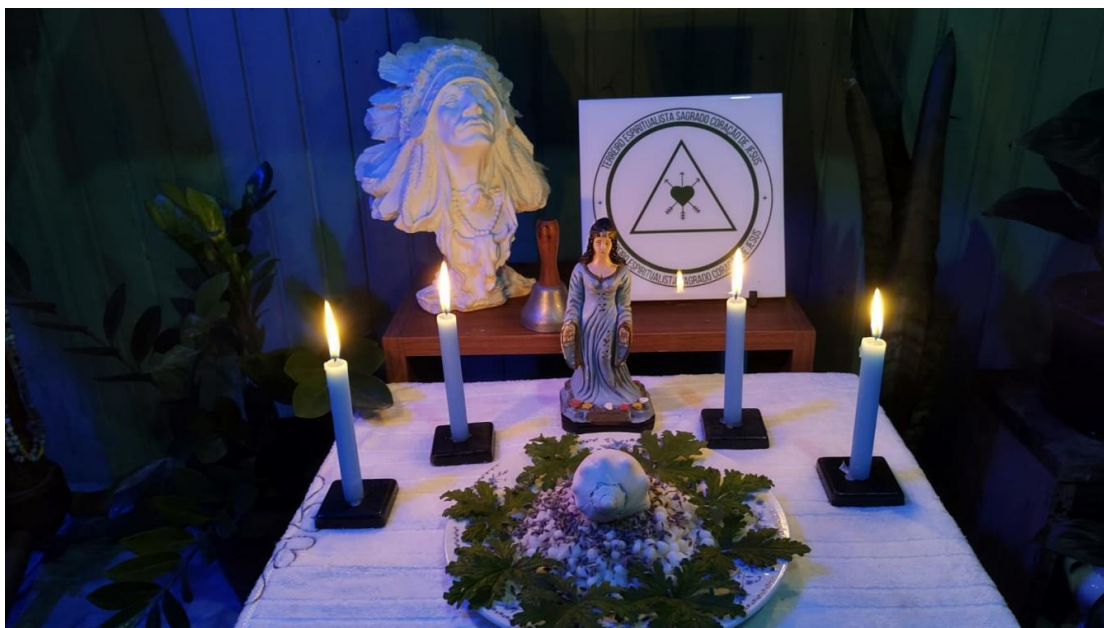


Imagem 6: Oferenda para Iemanjá no Terreiro Sagrado Coração de Jesus

Na religião afro-brasileira, como o Batuque e a Umbanda, um Ogan é um indivíduo responsável por atividades musicais e rituais ligados aos tambores e à música durante as cerimônias. Os Ogans têm um papel importante na manutenção da ordem e do ritmo das cerimônias religiosas, e frequentemente desempenham funções litúrgicas específicas.

“As religiosidades afro-brasileiras têm a música como pilar de sustentação dos rituais, pois são os ritmos e os ‘pontos’, ou ‘axés’ que iniciam as sessões e criam o clima propício para que as entidades assumam seu ‘cavalo’”.(LUNELLI, 2016 p. 29)

Uma sensível descrição sobre o tambor é realizada na apresentação de Paulo Roberto ao disco Obaluayê, em 1960, mostra de forma poética a importância do tambor:

“Este ritmo binário, que é o alicerce principal de quase todos os ritmos da canção popular do Brasil, veio importado de longe, das placas ardentes da África, onde o sol queimou a pele dos homens até carbonizá-la em negro. O compasso, tão simples que reproduz em tom grave as batidas do próprio coração, atravessou o Atlântico sob a bandeira dos navios negreiros, servindo para marcar o andamento de melopeias que vinham dos porões em vozes gemidas e magoadas.” (ROBERTO, Paulo, 1960)

Marcelo Decrescenzo, Ogan (aquele que toca o tambor) de uma casa de umbanda e quimbanda na cidade de Pedro Osório/RS. Ele fala sobre a importância do tambor no ritual, na linha cruzada, na maioria das casas, o tamboreiro ocupar-se de uma entidade não é visto como problema ou proibido, o que no caso do Nagô é uma proibição, pois tocar o tambor é uma função única, pois segundo Baba Kejaye, no tambor vive um espírito que precisa ser cuidado.

No caso de Marcelo, o Exu do qual ele trabalha é o Exu Treme Terra. A casa a qual pertence desde seus doze anos, hoje ele tem trinta, é uma casa regida pelo Maioral de Quimbanda na Figura de Pai Bira do Maioral, esta entidade somente pode ocupar um ser humano durante a existência do mesmo. No momento em que essa pessoa vier a falecer, ele vai procurar outro “cavalo” para ocupar, ensinar e ordenar como todo ritual deve acontecer.



Imagem 7: Pai Bira do Maioral

Apesar da casa ter um enfoque maior na quimbanda, ou seja, linha de trabalho da esquerda como já supracitada; também existem rituais da linha da umbanda, estas informações foram passadas oralmente pelo mesmo, porém vemos uma confirmação destas afirmações através da literatura. Para Prandi:

“Segundo a tábua umbandista de correspondência Exu-diabo, a entidade suprema da “esquerda” é o Diabo Maioral, ou Exu Sombra, que só raramente se manifesta no transe ritual.” (PRANDI, 2001, p. 55)

A casa realiza rituais de direita; porém seu grande enfoque e propaganda se dá na linha esquerda, conhecida por quimbanda. Por termos o Maioral de Quimbanda, as festas relacionadas a esta linha de trabalho são sempre muito divulgadas e assistidas. Neste caso da Linha Cruzada o sacrifício é algo imprescindível como no Batuque.

Já para Airton de Oxalá, o uso de ervas é imprescindível e obrigatório, em seu terreiro o uso de sangue animal é inexistente, o único sangue usado é o vegetal, portanto Ossaim está presente em cada ritual.

Já o Babalorixá Babá Kejaiye não concorda com essa informação e me diz o seguinte:

“Eu sou contra uma frase que circula por aí que é: “sem folhas sem Orixá”, porque os Iorubás não sabem nada de ervas, eles aprenderam a utilizar ervas aqui no Brasil com os Bantu, os povos de Angola, eles sabem de ervas tanto pra banho quanto pra chá, e na Nigéria quando se faz a iniciação não se usa

ervas, se quiser pode, é um sangue a mais. Quando um sacerdote na Nigéria quer iniciar a usar ervas, porque se pode iniciar isso tanto na Nigéria quanto na nação nagô igual, a gente pode iniciar a pessoa até quatro orixás, a pessoa vai na cidade de Osanyin e se inicia lá pra aprender a usar ervas e acrescentar isso dentro do seu templo de Orixá, então não quer dizer que seja essencial o uso da erva, nós não temos isso, mas no momento em que nós temos a divindade assentada, é uma divindade que se faz ali presente que a gente tem como base que a ela pertencem as folhas, então ela vai participar de toda ritualística, de todo e qualquer iniciado."

No sincretismo Ossaim se apresenta mais popularmente como São Benedito, santo negro e padroeiro dos cozinheiros.

Ossaim se apresenta com diversas variações, uma característica importante são suas pernas. No Nagô, Ossaim tem duas pernas, mas não apresenta transe, isso foi explicado com maestria por Baba Kejaye:

"No Nagô a gente entende que não existe transe de Osanyin, existem iniciados dessa divindade mas não o transe e isso não só aqui, na Nigéria não existe transe dessa divindade e eu até poderia te dizer que aqui no Rio Grande do Sul, de pessoas que eu conheço que não é Nagô é o lugar que mais existe iniciações a Osanyin e a Exu, porque no Maranhão e na Bahia Exu foi sincretizado com o Diabo e no Maranhão não existe culto a essa divindade, o que é impressionante, olha que loucura porque é a divindade interlocutora entre o mundo dos humanos e dos deuses. E no Candomblé Ketu existe o culto, mas não

existe a iniciação, e aqui no Rio Grande do Sul por motivos dos quais eu desconheço o motivo existem inúmeros iniciados de Exu que dão transe de Exu e de iniciados de Osanyin que dão transe também, só que quando as pessoas me relatam, não do seu, porque essas pessoas dizem que não sabem, mas o pai de santo ou o fulano muito antigo que era conhecido geralmente essa pessoa entrava em transe e durante o transe se mostrava com uma perna só, uma perna suspensa e isso tem um explicação no Nagô, existem outros orixás, no Nagô nós não iniciamos homens nem pra Ewá, nem pra Obá nem pra Nanã, não é uma questão de transe, não existe nem a iniciação; e pra Ossaim existe a iniciação e não

existe o transe, fora Ossaim existem outras deidades que estão dentro do panteão de Ossaim porque aqui no Nagô tem uma coisa chamada família, porque a família? Porque aqui na verdade a tradição é Nagô Vodum, a exemplo, dentro do panteão de Oxumaré existem vários deuses da cultura daomeana que são voduns do Benin e que estão aglutinados nessa família de Oxumaré, que a gente chama de família Je. Osanyin participa dessa família Je, que tá incluso o vodun Sakpata, que é o vodun da varíola e também Obaluaiê. Dentro da família de Osanyin, que na verdade é uma subfamília, existe uma divindade chamada Aroni, existe uma divindade vodun chamada Agué, ao meu ver

todas as pessoas que dizem que entram em transe com Osanyin aqui no RS, na verdade entram em transe com vodun Agué, e isso é extremamente plausível, porque eu sempre faço uma provocação de qual cultura, fora Angola, no Brasil que não é Jeje Nagô, porque existem várias palavras no nosso idioma que são fongbe, Oxumaré mesmo tem o seu culto dentro do território daomeano, não é comum a gente chamar Oxumaré aqui em casa a gente chama Dã o nome do vodun, porque pra mim Oxumaré é o nome do qual os Iorubas criaram pra designar que existe uma paternidade da divindade, ou seja, sempre foi desse território, mas eu entendo que é uma divindade 'importada' até porque os

cantos no Nagô falam em Dã, não falam Oxumaré, e quando há transe com vodun Agué, no maranhão, o transe se assemelha a essas pessoas que dizem ser iniciadas a Osaniyn, são energias muito próximas, inclusive Agué versa nesses livros de Kabinda e Ijaxá aqui no Rio Grande do Sul como qualidade de Osanyin, então as pessoas dizem: 'eu sou do Osaniyn Agué', mas é provável que as pessoas não saibam que é uma divindade a parte. Porque não existe transe com Osanyin? Porque ele é um Orixá! Ele é uma divindade gerada por uma outra deidade, ele nunca foi divinizado, ele nunca teve passagem pela Terra, é por isso que não existe pra nós transe com Osanyin ele não é um Imolé, pra

nós Oxum foi a rainha de uma cidade, Iemanjá a rainha de Abeokuta, cada um foi patrono ou regente daquela cidade específica, Osanyin não, Osanyin é uma daquelas divindades que estão naquela lista que eu mencionei que não dão transe porque justamente eles são os Orixás. Nós temos iniciação aqui com Vodun Agué, Aroni nunca tivemos, mas está previsto iniciação com Vodun Agué."

Já para Airton de Oxalá, Ossaim ocupa seu filho, o mesmo já presenciou em certa ocasião transe e ele se apresenta com uma perna só, e é uma regra que quem carrega Ossaim na cabeça, tenha problemas na perna direita.

Os rituais frequentemente envolvem ações físicas, movimentos e expressões corporais. A performance é central para a eficácia dos rituais, e as ações físicas são frequentemente carregadas de significado simbólico (TURNER, 1974).

As oferendas para Ossaim no Nagô são um misturado de farinha de mandioca com claras de ovo, Ossaim aceita também os tubérculos, principalmente o inhame, a substituição do inhame é a farinha branca, em outras tradições se faz a farinha de inhame mesmo. O ovo porque ele tem íntima ligação com as mães pássaros. A Cor de Ossaim no Nagô é verde com amarelo, a saudação é "Ewé Àsà".

Já na Linha Cruzada é verde e branco, e a saudação pode variar entre “Ewé Ó”, “Ewê asá”.

O culto de Ossaim dentro da tradição Nagô é ligado ao culto de Exu e ao culto de Obaluaiê, de Obaluaiê porque são da mesma família, mesma parentela. Ele aceita também grãos em geral, feijão branco, feijão preto, mel, melado, amendoim, milho de galinha, frutas é para Vodun no Nagô. No Nagô, Ossaim está inserido na família Je, que é a família dos Voduns, então ele aceita abacaxi e abacate que são as frutas mais recorrentes, às vezes laranja de umbigo.

No Nagô ele é irmão de Obaluaiê, Dã e Ewá, filhos de Nanã.

Para Ossaim se oferece charuto, fumo em rolo e cachimbo.

Para Airton de Oxalá, o culto a Ossaim, por mais que ele não o pratique diretamente, mas sempre o saude quando vai utilizar as ervas, está ligado a Oxóssi, pela relação das matas, o mesmo diz que no momento em que colhe as ervas conversa com Ossaim dizendo que não irá fazer mal algum com as ervas, saúda o Orixá, para que permita a utilização e o encantamento.

Lara Garcia, uma mulher que frequenta a umbanda há aproximadamente quarenta anos foi muito sábia quando me disse: **“Sem**

folhas não tem axé, sem folhas não tem feitiço, a natureza tem tudo que é sagrado.”

Na casa do Ogan Marcelo Decrescenzo, o culto a Ossaim não é realizado também e ele também atribui a essa dificuldade de cultuar e de manter o médium em transe por longas horas em uma perna somente, para ele não existe médium 100% inconsciente, as dores e as sensações vem após o médium desocupar, o culto é feito mais na saudação e na troca das ervas.

Tal ritual se dá para a abertura dos trabalhos, mesmo que para Baba Kejaye as ervas não sejam imprescindíveis podemos notar que existe uma grande importância nelas, essa fusão entre Exu e Ossaim estabelece a

comunicação entre os mundos no meu ponto de vista. No Terreiro Espiritualista Sagrado Coração de Jesus, as ervas são para tudo! Foram feitos banhos para os consulentes levarem para casa, a defumação com as ervas, receita para os consulentes, de várias formas as ervas estavam presentes ali e faziam a comunicação, apesar de saudar Exu, o trabalho foi feito através de Ossaim.

Para Ogan Marcelo, a saudação a Ossaim no quais as ervas serão usadas quando imprescindível, pois sabe-se que ele detém o poder e o domínio sobre elas.

Airton de Oxalá compartilha do mesmo entendimento quanto a isso, a Ossaim pertence às ervas. Não por ser o dono delas, mas porque é sua função cuidar e mantê-las. Essa ideia de dono não remete à propriedade, mas sim cuidador, outra característica que podemos identificar em Saci, que cuida das matas e florestas que habita.

Airton de Oxalá relata que tanto no momento da colheita das ervas quanto no momento do omieró (manuseio), em todo momento, segue a saudação: “cosi ewé, cosi orixá, cosi ewé, ewé Asá Ossanhe” e uma mentalização pedindo a permissão e o encantamento das mesmas. Para ele depois do encantamento as ervas se tornam medicinais espiritualmente falando, antes disso é uma erva que existe por causa da natureza, existe porque existe.

Ogan Marcelo fala que sempre que uma erva é usada se paga a Ossaim com uma saudação (a qual não foi especificada qual) e uma vela verde ou verde e amarela.

Para Baba Kejaye:

“Não existe erva de Orixá, as ervas todas pertencem a Osanyin então ele sempre se faz presente no ritual de solicitar a ele a erva, existe um horário específico pra colher essas

ervas, existe um dia, existe uma lua, existem dias que não pode, e como diria uma grande sacerdotisa da qual eu sou fã, muitas filosofias aqui da casa são pautadas em 3 pilstras: o Pai Francelino, (inaudível) e ela sempre diz: "sempre que vai se pegar uma erva se olha em volta porque pode ser a última da Terra (...) as ervas todas pertencem a Osanyin então ele sempre se faz presente no ritual de solicitar a ele a erva."

Após contato com meus interlocutores, e com a dificuldade de ter um encontro cara a cara com Ossaim, achei que meu trabalho terminara por aqui, com as teorias, oralidades e pesquisas bibliográficas, eu suspeitava que Ossaim de fato estivesse “desaparecendo”, estava enganada.

3.3 Um Encontro: 01/02/2023, Festa de Iemanjá, dança dos Orixás.

A sensação que eu tinha era que nunca encontraria Pai Ossanhe sem ser pelas ervas no congá, nas giras e nos relatos dos meus interlocutores, chegando o prazo de “terminar” essa investigação me deparei com uma conclusão: essa é a minha investigação. O que eu não esperava era que no dia 01/02/2023, na Festa de Iemanjá no Bairro da Balsa, na cidade de

Pelotas, Ossaim passaria por lá e viria através de uma pessoa muito próxima a mim: meu amigo e colega de graduação Luiz Augusto.

A Dança dos Orixás promovida pela Mãe Estela de Oxum teve início por volta das 22hs e 30min com a chegada de Iemanjá pela Lagoa dos Patos no barco de um pescador. Logo os fiéis em corrente fizeram uma passarela de mãos dadas para que os Orixás passassem e fizessem reverência para a dona da festa. Ao som dos tambores e letras das giras, os orixás foram chegando pelo caminho de terra com seus pés descalços. Cada orixá com suas características. (VERGER, 1981. SPERONI, 2018).

O primeiro Orixá a chegar foi Ogum, abrindo caminho trajado de verde e vermelho, guerreiro de espada e escudo, filho mais velho do fundador do Ifé¹⁵, guerreou e saqueou cidades, deus do ferro, e de todos que usam o ferro para trabalhar.

Logo após o caminho ser aberto por Ogum, veio sua ex-mulher e rainha dos ventos e tempestades, a Iansã, trajada de vermelho com a Ade (coroa com franjas) vermelha, com plumas nas mãos dançando como o vento, enquanto os fiéis a saúdam “Epa Hey Oya!”. Oyá abriu caminho para seu marido que vinha logo atrás.

E agora lá vem Xangô, o senhor do trovão, com sua roupa branca e vermelha. Esse orixá manifesta a sua violência na dança com seus machados, dando machadadas no ar, ao fundo a saudação “Kaô Kabecilê!”

Em seguida vem Pai Odé, Orixá caçador, senhor da floresta e de todos que habitam nela, portando seu arco e flecha. Da mesma maneira vem Otim, senhora da floresta, a sua flecha, podia imaginar, voando sobre nossas cabeças. Em seguida, abrindo caminho para Pai Ossanhe, vem Obá, Orixá Guerreira, senhora das enchentes e das inundações.

E chega o momento tão esperado por mim, mais que Iemanjá, a dona da festa, eu queria ver Ossaim, eu queria estar na presença dele, mesmo que fosse em uma dança, uma representação, uma performance.

¹⁵ Ifé In: <https://studhistoria.com.br/qq-isso/ife-ver-ioruba/>

Ifé ou Ile-Ife, foi o principal centro religioso e comercial do povo iorubá entre os séculos XI e XV. Localizado nas florestas ao sudeste da atual Nigéria, estava na rota entre o rio Níger e a cidade costeira de Cotonu (hoje, importante cidade de Benin). Isso tornou a cidade um importante entreposto comercial dos produtos da savana, da floresta e do litoral.

Ossaim chega dançando em uma perna só, trajado de verde, portando folhas de samambaias nas mãos, dançando, entrou saudou o tambor e se juntou aos demais orixás perto de Mãe Iemanjá.

Em seguida, veio seu irmão Obaluaê, com seu rosto coberto de palha, pois não pode ser mostrado aos humanos, deus das pestes e moléstias contagiosas. Logo a seguir aparece Oxum, rainha das cachoeiras e protetora das crianças, dona das riquezas e do ouro.

A dona da festa Iemanjá vem dançante, com suas vestes azuis e seu espelho, rainha das ondas e sereia do mar. E, por fim, Oxalá, curvado de sua experiência, responsável por todos os outros orixás.

Todos dançaram e se alegraram em volta da Rainha do Mar, e em seguida, depois de muito cantar e dançar, a festa chega ao fim com um abraço em pai Ossaim.



Imagem 8 / 9: Ossaim na dança dos Orixás

4. CONCLUSÃO E AFETO

4.1. Pai Joaquim de Aruanda

Chego agora em um momento que eu considero um ponto chave e um dos motivos pelo qual esse trabalho tomou um rumo que eu não esperava.

Em conversa com Airton de Oxalá, o mesmo começa dentre muitos assuntos a me contar sobre uma das entidades que ele recebe e trabalha, um Preto Velho que vem de Aruanda chamado Pai Joaquim, a primeira coisa que me chama atenção é sua imagem no Congá, ele tem um remendo de pano vermelho na sua calça justo em sua perna direita, e Airton segue a me contar:

"O Pai Joaquim das minhas entidades é o que eu menos sei, ele vai embora em uma perna só e segundo ele, tem uma divindade que irradia que ele não pode falar nada sobre ela"

Essas informações me geraram muita curiosidade, e uma enorme vontade de encontrar Pai Joaquim, eu precisava vê-lo e perguntar sobre algo que passava em minha mente... Será possível? Para mim parecia nem ser verdade, que de algum modo, Ossaim/Saci poderiam estar na minha frente em algum momento.

Terça-feira, dia 28 de Fevereiro de 2023, fui até o terreiro, nervosa, ansiosa e sem acreditar, mas ao mesmo tempo encantada com a possibilidade desse reencontro.

Cheguei por volta das 19hs e 15min, estávamos em poucas pessoas, no total éramos sete, veja aí novamente o número sete... e a sessão começou por volta das 20hs, o primeiro a chegar foi Pai Joaquim, ele foi curvando, curvando, curvando o seu médium, e de repente, numa

tranquilidade, serenidade e amor estava lá, sentou no seu toco, pediu seu cachimbo, colocou seu chapéu de palha e batia seu pé no chão no ritmo do ponto cantado, sem tambor, apenas vozes. Logo em seguida, um outro médium chegou, o Pai Antônio de Angola, ao qual não vou me ater neste relato.

Pai Joaquim começa seus trabalhos, deu passes e de repente me notou de uma forma mais específica, e me perguntou: “*a nega só veio aqui saber d’eu né?*”. Confesso que o único sentimento que me tomou foi o de vergonha naquele momento, porque de certa forma sim, eu estava lá apenas para saber dele, minha resposta imediata foi que eu estava lá para conhecê-lo e para conversarmos.

Pai Joaquim seguiu seus trabalhos e me disse que antes de ir embora iria me chamar para contar um segredo, nisso narrou como era sua vida na Terra, contou que foi um dos primeiros negros a ser trazidos para o Brasil, que na senzala mesmo já benzia e fazia os seus trabalhos e foi chamado por muitos de Pai de Santo, que foi imposta a ele uma fé de coisas que ele não conhecia mas que ele soube usar a seu favor.

Pai Joaquim comeu linguça com farofa e ovo cozido, bolo de aipim, bebeu café com vinho, tudo que ele comia, compartilhava com todos, até que chegou a hora do Vô ir embora e me chamou para contar o seu segredo.

Enquanto escrevo me emociono novamente, algumas palavras foram confiadas a mim em segredo, quem sabe um dia vovô me deixa contar, mas vou relatar o que posso aqui narrar, palavras que essa entidade de muita luz, amor e acolhimento me autorizou a escrever nesse TCC.

Vô Joaquim me conta que quando veio daquele *lugar grande* (África) não teve tempo de trazer muitos de seus pertences consigo, mas ele detinha uma *magia* que hoje está perdida. Ele foi um dos últimos que detinha esse conhecimento, que dava vida a bonecos feitos de barro, esses bonecos viravam entidades que, de certa forma, trabalhavam para seus criadores, iam buscar objetos, buscavam as folhas dos benzimentos, entregavam encomendas, de certa forma um pequeno escravo.

Quando vô veio para o Brasil, ele agarrou um dos seus bonecos de barro pela perna, quando se deu por conta, veio só a perna desse boneco. Porém, o espírito deste ser não humano veio junto dele, ele diz também que

não pode me contar o nome da entidade, porque aqui a gente chama de um *nome muito feio*, mas essa entidade fazia muita *xujeira na casa de homem branco*. Sempre que Pai Joaquim precisa que algo mais maldoso seja feito ele manda essa entidade, e é por isso que quando ele vai embora ele vai em uma perna só, para lembrar de todas dificuldades que ele passou e da lembrança que ele trouxe do seu país de origem, a perna.

Com o fim dessa história e novamente me pedindo segredo das outras informações que me foram confiadas, Pai Joaquim se despede e vai embora em uma perna só, eu como forma de agradecimento no próximo dia que o encontrei levei sua comida favorita, canjiquinha salgada com carne de porco, carne essa que seu médium não pode sentir sequer o cheiro.



Imagem 10: Pai Joaquim de Aruanda

Uma das instigantes informações que chegaram a mim através do Pai Joaquim, é que nas primeiras vezes, quando ele ia embora, segundo seu médium, ele ficava alguns momentos sem enxergar. Pai Joaquim segundo ele mesmo, tinha os olhos machucados, Ossaim também teve seus olhos vazados como já vimos em M10 e Saci em “tupi-guarani” significa vista doente (ROSA, 2022A).

No relato supracitado no primeiro capítulo deste trabalho sobre o Sacy onde o mesmo segundo Sr. José dos Santos diz que *Sacy não pode ser de barro*, vemos um ser muito semelhante a ele que justamente é feito de barro.

Assim como Ossaim fuma seu cachimbo de Ervas, Vô Joaquim o faz da mesma forma, em seu cachimbo há tabaco e um misturado de ervas, suas preferidas malva cheirosa, arruda e alecrim.

Pensemos da seguinte maneira: Pai Joaquim vindo diretamente da África, trouxe consigo saberes de cura através dos seus benzimentos com ervas, acompanhado de uma entidade que buscava as ervas e o acompanhou nessa jornada, na senzala quando chamado de Pai de Santo, qual Santo (Orixá) Pai Joaquim recebia? Destas características tratamos durante todo esse trabalho, para mim Pai Joaquim é a personificação de Ossaim, Aroni, Sacy – e, não menos importante, faz uma comunicação entre os mundos assim como Exu.

Concluir um texto o qual defende que mitos são intermináveis é deveras contraditório. Assim como os próprios mitos, a religião afro-gaúcha continua reverberando dentro de seus ensinamentos e fundamentos àquilo que veio das origens dos que a continuaram nesta terra.

Tanto o Ossaim que podemos depois dessa discussão chamar de Afro-indígena, quanto Sacy, estão vivos e atuantes. A fusão entre esses oceanos mitológicos distintos estavam em vida e estão presentes depois dela na figura de um simples ser humano, escravizado, que apanhou muito, que muito sofreu e hoje posso contar sobre ele, Pai Joaquim de Aruanda.

Como mencionado anteriormente existe a dicotomia natureza e cultura digamos que já superadas pela Antropologia, mas neste trabalho existe outra, a dicotomia ciência e religião. Os interlocutores desse TCC (com exceção do Ogan Marcelo Decrescenzo) são meus colegas de bacharelado, antropólogos e arqueólogos em formação, esse processo de retomada que religião também está na ordem da ciência.

Nesta conclusão quero falar mais sobre afeto, dentro dessas poucas páginas, pude ir adentrando em um mundo que para mim era de interesse puramente acadêmico, mas sempre me perguntei qual a razão que o universo (mitológico ou não) me fez escolher esse tema, que para muitos dos meus colegas, era de arrancar os cabelos. Meu coração sempre pulsou ao

falar de mitologia e embora esta seja a conclusão deste trabalho pode ser facilmente confundida com a introdução, talvez seja parte da descontinuidade e a lógica do discreto de Lévi-Strauss. Depois de muito me perguntar esse motivo, desde o encontro com Pai Joaquim, a minha relação com a religião virou de ponta cabeça, no passe que Pai Joaquim me deu na primeira vez que nos encontramos, ele me presenteou com uma guia, surpreendam-se... de Exu, e prometeu sempre estar comigo, sempre que eu precisasse eu poderia chamá-lo e assim o faço, de vez em quando sirvo seu café, e converso, choro, dou risada, conto fofocas.

Ser afetado é também parte da mitologia, da antropologia (SAADA, 1985), o que me leva a uma pequena saga a qual irei relatar a seguir.

Dia 06 de Julho de 2023, achei que não iria mais coletar dados para este trabalho, mas fui até o Reino de Oxalá e Ilê de Yansã, na figura da Mãe Eliane de Oxalá jogar búzios, na nossa primeira interação, diversas vezes Mãe Eliane perguntava se eu tive quando ainda criança ou agora algum problema de saúde, espantada respondia que não, e sua resposta é que Pai Ossanha estava respondendo por mim nos búzios o tempo inteiro.

Em lágrimas, entendi o motivo de fazer este TCC, não existe desaparecimento, tão pouco, esquecimento, e podemos comprovar através das ferramentas antropológicas e mitológicas durante todo esse TCC, Ossaim se mostrou vividamente em cada linha, ele quis aparecer e mostrar a sua existência.

Sinto que essa conclusão não passa de uma vírgula, existem muito mais perguntas do que respostas, existirão muitos outros encontros com Ossaim. Apesar de modificar-se um mito, um rito, uma cultura ela não acaba e não desaparece, felizes de nós que podemos identificar essas modificações.



Imagem 11: Ossaim

Referências Bibliográficas

CORRÊA, Norton Figueiredo. **O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense**. CA, Cultura & Arte, 2006.

FAVRET-SAADA, Jeanne; FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Trad. de Paula Siqueira. Introdução de Márcio Goldman. Cadernos de campo, n. 13, 2005.

GOISBEAULT, Nicole. **Mitos africanos**. In: BRUNEL, Pierre. Dicionário de Mitos Literários. Editora José Olympio: Rio de Janeiro, 1997, p. 677 – 681

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro nº 92/93.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Cru e O Cozido**. Editora Brasiliense, 1991 1ª edição.

JEKUPÉ, Olívio. **O Saci Verdadeiro**. Londrina, Eduel, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Gesta de Asdiwal**. In: Antropologia Estrutural Dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LOBATO, Monteiro. **O saci**. LeBooks Editora brasiliense, 1994.

LOBATO, Monteiro. **O Saci-Pererê: resultado de um inquérito**. São Paulo: Globo, 2008.

LUNELLI, Diego Conto. **Oficina de ritmos da cultura popular: religiosidades afro-brasileiras em pauta**. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. 2015.

ORO, Ari Pedro. **As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**. Estudos afro-asiáticos. Rio de Janeiro. Vol. 24, n. 2 (maio/ago. 2002), p. 345-384

PRANDI, Reginaldo. **Exu, de mensageiro a diabo**. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista Usp, n. 50, p. 46-63, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. Companhia das Letras, 2001.

REUS GONÇALVES DA ROSA, R. **JAXY E JAXY JATERÊ: O PONTO DE VISTA GUARANI E DE OUTROS POVOS AMERÍNDIOS SOBRE A ORIGEM DA LUA, AS CONSTELAÇÕES E O SACI-PERERÊ (PRIMEIRA PARTE)**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1–46, 2022.

REUS GONÇALVES DA ROSA, R. R. **JAXY E JAXY JATERÊ: O PONTO DE VISTA GUARANI E DE OUTROS POVOS AMERÍNDIOS SOBRE A ORIGEM DA LUA, AS CONSTELAÇÕES E O SACI-PERERÊ (SEGUNDA PARTE)**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 1–32, 2022.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. **A Relação Afro-Ameríndia do Negrinho do Pastoreio e do Saci-Pererê na Mitologia**. Antares: Letras e Humanidades, v. 5, n. 10, p. 175-203, jul./dez. 2013.

SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: E.P.U/EDUSP, 1974.

SPERONI, Aline. **As religiões afro-gaúchas**. Caxias do Sul: Fox Design, 2018.

TADVALD, Marcelo. **Direito litúrgico, direito legal: a polêmica em torno do sacrifício ritual de animais nas religiões afro-gaúchas**. Caminhos-Revista de Ciências da Religião, v. 5, n. 1, p. 129-147, 2007.

TURNER, Victor. Betwixt and Between: O período liminar nos ritos de passagem. In: **Floresta de Símbolos**. Niterói: EdUFF, 2005

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. **Petrópolis, Editora Vozes**, 1974.

VERGER, Pierre Fatumbi. **ORIXÁS**.

WATTS-POWLESS, Vanessa. Lugar-Pensamento Indígena e Agência de Humanos e Não Humanos (a primeira mulher e a mulher céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!). In: **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 250-272, jan./jun. 2017. 93, pp. 152-205.